

entre FRONTEIRAS

A SIMBIOSE

JOANA RODRIGUES CAPETO ALVAREZ

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA
MARÇO 2012

ORIENTADORES

ARQ. ANNA BACCHETTA
ARQ. FRANCISCO AIRES MATEUS
ARQ. MANUEL AIRES MATEUS
ARQ. JOAQUIM MORENO

DISSERTAÇÃO SEGUNDO O
ACORDO ORTOGRÁFICO 1990

UAL UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA
DEPARTAMENTO ARQUITECTURA

AGRADECIMENTOS

Aos meus Professores, Francisco e Manuel Aires Mateus, Anna Bachetta, Joaquim Moreno e Telmo Cruz, que tornaram este projecto possível.

Aos meus Pais por tudo o que sempre foram e me tornaram e a toda a família e amigos que sempre me apoiaram.

Ao Rui Nuno, pela a paciência, apoio e ajuda infindavél.

Agradeço em especial e sem a ajuda deles não seria possível,

Joana Craveiro, Frederico Reis e Mariana Simões, Francisco Oliveira e NORIGEM,

e também,

Susana Dimas,

Madalena Seabra

Marta Afonso

Agné Baranauskaité

Maria Macedo

Anna Bouno

Stefano Santamato

Madalena Pereira

Diogo Esteves

Catarina Braga

Francisco Pinto Coelho

À Tia Isabel, João e Afonso.

Ao Tomás e João um muito obrigada, porque sem vocês não teria acabado esta etapa da minha vida.

RESUMO . ABSTRACT

No âmbito da seguinte dissertação, procura-se entender a importância do espaço público agregado à tipologia museológica, bem como a relação de ambos com o espaço envolvente.

Inicialmente é descrito o conceito de espaço público como elemento catalisador de vivências, para seguidamente se apurar a importância e a relação que este tem no museu. Proceder-se-á, ainda, ao estudo do museu como gerador do lugar. Para a consolidação destas ideias serão estudados alguns exemplos onde as mesmas são aplicadas.

Por fim, Entre FRONTEIRAS, título da proposta, surge com o intuito de criar um museu em Juromenha. Formando um novo lugar e uma nova identidade.

Lugar este, entre a terra e a água, entre Portugal e Espanha, numa "terra de confim".

PALAVRAS CHAVE: ESPAÇO PÚBLICO, MUSEU, LUGAR E IDENTIDADE

According to the following dissertation, it´s intended to understand the significance of the public space comprehensive in the museum typology, as the relation between both of them and the space adjoining.

At the beginning, it´s described the value and the concept of public space while catalyst of men experiences, preceding by the importance which it represents in relation with the museum structure. Subsequent by a study subject , which tried to understand the importance of museum while producer of the place - genius loci .

Between BORDERS, while theme of the project, arises with requirement of generator of a new place in Juromenha , the museum, which guarantee a new identity.

As transition between water and land, Portugal and Spain, a land boundary.

KEY WORDS: PUBLIC SPACE, MUSEUM, PLACE , IDENTITY

índice GERAL

PARTE TEÓRICA

ESPAÇO PÚBLICO VS. MUSEU
MUSEU VS. ESPAÇO PÚBLICO

013.014 INTRODUÇÃO

015.020 O ESPAÇO PÚBLICO COMO FUNDADOR DE MUSEU

021.030 O MUSEU COMO GERADOR DE LUGAR

031.040 CASE STUDIES

041.042 CONCLUSÃO

PARTE PRÁTICA

entre FRONTEIRAS

A SIMBIOSE

ANÁLISE DO TERRITÓRIO

045.046 LUGAR . JUROMENHA

047.048 LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

049.050 ORTOFOTOMAPA

051.052 PLANTA HIDROGRÁFICA

053.054 PLANTA HIPSOMÉTRICA

055.056 PLANTA DE ENQUADRAMENTO PAISAGÍSTICO

INTERVENÇÃO

057.059 MEMÓRIA DESCRITIVA

059.060 FOTOMONTAGEM DE INTERVENÇÃO

061.062 ORTOFOTOMAPA COM INTERVENÇÃO

JUROMENHA MUSEU

063.064 PLANTA DE IMPLANTAÇÃO . ESC. 1.2000

065.066 PLANTA DE IMPLANTAÇÃO APROXIMADA . ESC. 1.750

067.068 ESQUEMA DE PERCURSO . ESPAÇO PÚBLICO

069.070 PLANTA DO PISO TÉRREO . ESC. 1.200

071.072 ESQUEMA DO PISO TÉRREO

073.074 PLANTA DO PISO 1 . ESC. 1.200

075.076 ESQUEMA DO PISO 1

077.078 PLANTA DO PISO 2 . ESC. 1.200

079.080 ESQUEMA DO PISO 2

081.082 PLANTA DE COBERTURA . ESC. 1.200

083.088 CORTES LONGITUDINAIS 1.200

089.094 CORTES TRANSVERSAIS 1.200

095.100 CORTES TRANSVERSAIS ESC. 1.500

101.108 ALÇADOS 1.500

SISTEMAS CONSTRUTIVOS

109.110 SINOPSE

111.112 AXONOMETRIA

113.114 CORTE CONSTRUTIVO LONGITUDINAL . ESC. 1.50

115.116 CORTE CONSTRUTIVO TRANSVERSAL . ESC. 1.50

117.118 PORMENOR CONSTRUTIVO 1.5

119.130 FOTOMONTAGENS

131.132 BIBLIGRAFIA

índice FOTOGRÁFICO

013 IMAGEM 01 LINA BO BARDI . 2010 . VENICE BIENNALE . ITALY . SARA GOLDSMITH

www.phaidon.com/agenda/architecture/picture-galleries/2010/september/03/lina-bo-bardi

015 IMAGEM 02 MEXICO CITY 4 . ZÓCALO.MUCA.UNAM. 2007 . SPENCER TUNICK

www.spencertunick.com

017 IMAGEM 03 RICHARD SERRA TILTED ARC 1981 . ANNE CHAUVET

http://representingplace.wordpress.com/

019 IMAGEM 04 SEM TÍTULO . DAVID FIRN

www.flirck.com

021 IMAGEM 05 SEM TÍTULO . FREDERICO REIS

023 IMAGEM 06 CARTAZ DO MAIO DE 68 . JEAN-CLAUDE SIENE

025 IMAGEM 07 MASP . SARA LEITÃO

027 IMAGEM 08 LA MERCÉ . NATÁLIA SAMPAIO

www.flirck.com

029 IMAGEM 09 MAAVC III . CATAPULGAS

www.flirck.com

031 IMAGEM 10 CENTRE POMPIDOU . PARIS . MIRZA PEAKOVSKY

www.flirck.com

031 IMAGEM 11 CAIXA FORUM . GREEN WALL NEXT TO THE CAIXAFORÚM . DFAIRBANKS

www.flirck.com

031 IMAGEM 12 CAIS DAS ARTES . METRO ARQUITECTOS ASSOCIADOS

www.metroo.com.br

033 IMAGEM 13 SEM TÍTULO . MIGUEL GUEDES RAMOS

035 IMAGEM 14 CAIXAFORÚM|MADRID . FERNANDO MORENO

www.flirck.com

037 IMAGEM 15 CAIS DAS ARTES . METRO ARQUITECTOS ASSOCIADOS

www.metroo.com.br

039 IMAGEM 16 CAIS DAS ARTES . METRO ARQUITECTOS ASSOCIADOS

043 IMAGEM 17 SEM TÍTULO . JOANA ALVAREZ

047 IMAGEM 18 SEM TÍTULO . DIOGO ESTEVES

047 IMAGEM 19 PORTA E JANELA . JOANA ALVAREZ

048 IMAGEM 20 SR. MANEL 5 . JOANA ALVAREZ

048 IMAGEM 21 PONTO DE VISTA . JOANA ALVAREZ

049.050 IMAGEM 22 ORTOFOTOMAPA

060 IMAGEM 23 FOTOMONTAGEM 1

061.062 IMAGEM 24 ORTOFOTOMAPA 2

067 IMAGEM 25 PORTA . JOANA ALVAREZ

067 IMAGEM 26 SEM TÍTULO . JOANA ALVAREZ

067 IMAGEM 27 SEM TÍTULO . JOANA ALVAREZ

067 IMAGEM 28 FOTOMONTAGEM 2

067 IMAGEM 29 FOTOMONTAGEM 3

067 IMAGEM 30 RIO . JOANA ALVAREZ

068 IMAGEM 31 FOTOMONTAGEM 4

071 IMAGEM 32 ARTI_FICIAL . JOHANNES SANTANGELO

www.flirck.com

075 IMAGEM 33 FIRST PLACE . HAYA SAIYED

ttp://.studentpress.org

079 IMAGEM 34 VIEWER . AUTOR DESCONHECIDO

http://colunistas.ig.com.br

120 IMAGEM 35 FOTOMONTAGEM 5

122 IMAGEM 36 FOTOMONTAGEM 3

124 IMAGEM 37 FOTOMONTAGEM 4

126 IMAGEM 38 FOTOMONTAGEM 6

128 IMAGEM 39 FOTOMONTAGEM 7

129.130 IMAGEM 40 FOTOMONTAGEM 8

ESPAÇO PÚBLICO VS. MUSEU

MUSEU VS. ESPAÇO PÚBLICO



INTRODUÇÃO

É objectivo desta dissertação abordar a funcionalidade e importância do espaço público no museu.

Inicialmente, é feita uma descrição do conceito de espaço público. Espaço inerentemente social do qual se geram vivências e se formam lugares.

Numa abordagem subsequente, aprofunda-se a sua utilidade e o modo como o mesmo, surge geralmente, congrega com o espaço museológico, e evolui concretamente com este. É através do espaço público que se estabelece uma relação entre a envolvente e o museu. Assim, ambos se convertem em "espaços de encontro" a partir da arte.

Ao longo dos tempos, o museu vem a ser entendido como uma instituição que tem como principal função, expor e guardar objectos. Contudo, o seu propósito sofreu alterações desde os primórdios da sua existência até aos dias de hoje.

Nas décadas de 60 e 70, deu-se uma revolução sociocultural, modificou a forma como as instituições museológicas se relacionam com o lugar, a arte e a sociedade, potenciando uma clara ligação com o espaço envolvente.

A relação que o museu estabelece com o espaço público, possibilita uma maior ligação da arte com o indivíduo, sendo que os dois primeiros são espaços de cultura, lazer e encontro, gerando assim, vivências entre eles.

Sendo o museu um elemento estruturador de lugar, seja este funcional ou simbólico, é através da relação entre este e oespaço público que se estabelece um factor importante na criação de uma nova identidade.

A ocupação do museu anexado ao espaço público pode ser feita por duas vias: através de uma estratégia de conexão do espaço urbano, quer seja ruidosa ou silenciosa; ou a partir de uma estratégia que pretenda modificar e reestruturar o sítio.

No âmbito deste tema, o desenvolvimento de uma proposta para um museu ligado a um espaço público, contribui para um melhor entendimento da questão abordada.



ESPAÇO PÚBLICO COMO FUNDADOR DE MUSEU

A definição de ESPAÇO PÚBLICO encontra-se ligada à sociedade, um ponto aberto a todos os cidadãos, onde se expressam e se instituem relações num local de predomínio público causador de influências entre indivíduos. Concebido por pessoas e assumindo-se como um centro de vivências, é assim que o identificamos.

"Habitar o espaço público foi uma condição necessária para a afirmação da humanidade" [1]
Desde o início da formação de lugares que "habitar colectivamente" se transformou numa condição fundamental para a constituição das diferentes tipologias de uma sociedade - "o espaço público sempre existiu, desde o primeiro momento em que surgiu um aglomerado urbano, a polis ou a urbs."[2]

Daqui concluímos que a produção de espaços públicos sempre esteve implícita nas várias lógicas: "o isolamento da cidadela nas cidades pré-clássicas, a implantação dos espaços públicos nas cidades clássicas, a bipolarização entre praça religiosa e mercantil na cidade medieval ou a monumentalidade dos traçados barrocos." [3]

Numa outra perspectiva, o papel do arquitecto enquanto criador de lugares deve ter como tarefa, compreender que a criação de espaços públicos deve ser entendida como uma operação estruturadora.

"(...)a cidade e a realidade urbana dependem do valor de uso."[4] A vida do espaço público está, portanto, dependente da actividade humana dentro das suas fronteiras.

Consequentemente, verificar-se-á a (re)criação do lugar. Assim, "o espaço público desempenhará um papel chave para a melhoria da qualidade de vida, conjugando estratégias de desenho urbano que promovem um novo sentido de identidade, reconhecimento pessoal e colectivo, a inclusão e o convívio de varias gerações." [5]

PORQUE RAZÃO O ESPAÇO PÚBLICO É IMPORTANTE NO MUSEU?

"Se a arquitectura de museus esteve, desde sempre, associada à evolução das cidades, no final do século XX, o impacto dos projectos museológicos na requalificação do espaço urbano conheceu uma escala sem precedentes." [6]

É através da inclusão do espaço público no museu que se pode conseguir uma maior ligação entre a cultura e o indivíduo, pois é a partir destes lugares que se estabelece um contacto social e uma maior aproximação à arte.

O espaço público funciona como intermediário entre a envolvente e o museu, de maneira a que este último seja habitado e não apareça apenas como um local de passagem, tornando-se antes num espaço de permanência.

1. BAPTISTA, Luís Santiago, Habitar o Colectivo, A tensão entre modelo e evento na modernidade arquitectónica, in arq./, arquitectura e arte, nº 57, Maio 2008. p. 8
2. VALADA, Rui, Espaço público : uma aposta para o futuro In: "Sociedade e Território", nº 37-38, Junho 2004, p. 157
3. BAPTISTA, Luís Santiago, Habitar o Colectivo, A tensão entre modelo e evento na modernidade arquitectónica, in arq./, arquitectura e arte, nº 57, Maio 2008. p. 8
4. LEFEBVRE, Henri, O direito à cidade, trad. Luis de Andrêa, in Jornal de Arquitectos, Publicação Trimestral da Ordem dos Arquitectos, Portugal, nº 228, Julho - Setembro 2007. p. 171
5. ALMEIDA, Nuno Guerreiro de, Espaço público e cidade In: "Arquitectura e Vida", nº 51 Julho/Agosto 2004. p. 29
6. BARRANHA, Silva Helena, Arquitectura de museus e iconografia urbana: concretizar um programa/construir uma imagem, Texto publicado em SEMEDO, Alice; LOPES, João Teixeira (coord.), Museus, Discursos e Representações, Edições Afrontamento, Porto, 2006. p. 2



A partir da apropriação do espaço público, os cidadãos acabam por estabelecer uma relação de conexão e de reconhecimento com o lugar, "(...) gerando um novo processo de identificação"[7], e um "genius loci". Como resultado, o espaço público pode assim, funcionar como catalisador no museu, originando este, uma nova identidade e um novo lugar por via da arquitectura.

Ora, um sítio só se torna lugar quando é transformado pelo homem. Habitar o lugar é conferir-lhe características humanas.
Como idealiza Martin Heidegger, referido na obra "Genius Loci", de Christian Norberg-Schulz: "o habitar autêntico é sempre a construção de um lugar em que participam a natureza, o homem e o divino." Só assim o sítio se transforma em lugar, quando o homem intervém sobre ele e posteriormente o habita. Com isto, confere-lhe uma identidade.
A este propósito, "o lugar desempenha um papel central na definição de uma imagem do mundo e na identidade individual e colectiva do homem." [8]

A estrutura da cidade moderna tem sido, invariavelmente, o resultado da combinação ou do cruzamento entre planeamento urbanístico - de raiz cultural e/ou religiosa -, com as decisões individuais de quem nela habita.

Ao longo dos tempos, os espaços museológicos têm vindo a transformar-se como meios de visibilidade das cidades, "passando a integrar os diversos imaginários urbanos"[9]. As distintas transformações do espaço museológico originam, na sociedade global, uma reestruturação das politicas culturais, que procuram encontrar e conceber uma nova concepção de espaços de cultura para serem transmitidas a um determinado público.

"O museu converteu-se num instrumento de valorização da cidade, um lugar urbano qualificado quer em termos urbanísticos quer em termos iconográficos." [10]

O museu é um edifício que desempenha um papel de destaque (central) na cidade e tem um papel fundamental na sua construção e organização urbana (identidade). Se analisarmos, ao longo da história, os variadíssimos museus, chegaríamos à conclusão que, maioritariamente, todos eles estão agregados ao espaço público, sendo ambos locais públicos de aprendizagem, acessível a todos, estando por isso, implícitos no crescimento territorial.

Com o "modernismo herdamos um museu inserido numa 'nova monumentalidade' racionalista, isolada ou auto-referenciada em relação à cidade (...)(white cube, edificados entre os anos 40 e 60); da incursão pós-moderna, resultou uma arquitectura 'informal', "icónica" ou "catalítica" das transformações urbanas, sob o efeito Beaubourg (anos 70 e 80) com espaços polivalentes de cariz temático. No final do século XX, aparece um tipo de "pós-Museu", como o "museu-marca" ou o "museu-instalação". [11]

Podemos assim concluir, que "os museus de arte moderna, tendem a funcionar como pólos dinamizadores da vida cultural das cidades, participando activamente na requalificação de determinadas áreas urbanas.

7. VALADA, Rui, Espaço público : uma aposta para o futuro In: "Sociedade e Território", nº 37-38, Junho 2004, p. 157
8. RABAÇA, Armando, Entre o Corpo e a Paisagem - Arquitectura e lugar antes do genius loci, Edições do Departamento de Arquitectura da FCTUC, Coimbra, 2011. p. 42
9. GRANDE, Nuno, Os espaços museológicos na transformação da cidade contemporânea, Seminário "Património e Identidades" - Painel: "Território, Identidades e Políticas Culturais".
10. BARRANHA, Silva Helena, Arquitectura de museus e iconografia urbana: concretizar um programa/construir uma imagem, Texto publicado em SEMEDO, Alice; LOPES, João Teixeira (coord.), Museus, Discursos e Representações, Edições Afrontamento, Porto, 2006. p. 2
11. GRANDE, Nuno, Os espaços museológicos na transformação da cidade contemporânea, Seminário "Património e Identidades" - Painel: "Território, Identidades e Políticas Culturais"



"Paralelamente, a arquitectura dos espaços consagrados à arte dos séculos XX e XXI constitui o suporte privilegiado para a criação e difusão de uma imagem susceptível de simbolizar urbanidade e contemporaneidade, bem como representar a produção artística do presente." [12]

No presente, a construção de um novo museu, poderá intervir na malha urbana, através da criação de novos percursos e espaços públicos, os quais poderão contribuir para desenhar ou redesenhar novos espaços urbanos.

Desta forma, o espaço público pode ter a capacidade de transformar políticas urbanas, sejam elas económicos, culturais ou sociais. A produção destes através de intervenções museológicas, pode transformá-los em contaminador da sociedade.

Hoje em dia, um museu é um "monumento, uma marca significativa de lugar, o símbolo de pertença e, em determinados momentos, o indutor da apropriação do espaço."[13]

De realçar que a sua funcionalidade passa por mais do que a mera exposição.
A abertura do espaço museológico, ou seja, a sua conexão através do espaço público, pode constituir uma articulação significativa no propósito do museu. É a partir da arte e do espaço, que se desenvolvem lugares de memória e de referência.

É, por isso, através do espaço público que se consolida uma estratégia de inter-relações.

A arquitectura tem o poder de modificar lugares, geradores de atmosferas, tornando-os aliciantes e permanentes. O museu e o espaço público tornam-se assim, peças fundamentais na construção de lugares.

12. BARRANHA, Silva Helena, Arquitectura de museus e iconografia urbana: concretizar um programa/construir uma imagem, Texto publicado em SEMEDO, Alice; LOPES, João Teixeira (coord.), Museus, Discursos e Representações, Edições Afrontamento, Porto, 2006. p. 10
13. BRANDÃO, Pedro e REMESER Antoni, Design de espaço público, deslocação e proximidade, Centro Português de Design. p. 33


Museum

O MUSEU COMO GERADOR DE LUGAR

Desde a sua criação que o museu tem sido entendido como um edifício, uma instituição (ou uma "montra") que expressa a intenção de coleccionar objectos para serem exibidos a um público.

É possível considerar que alguns edifícios antigos surgiram como as primeiras formas de museu, apesar do seu propósito se ir modificando ao longo dos tempos. Durante muitos anos, a arte exposta no museu destinava-se, quase em exclusivo, a um determinando tipo de público, pertencente a uma elite mais culta, que tinha, por isso, um "olhar" diferente sobre a arte, com uma capacidade de "gosto" e de crítica mais apurada e mais estruturada.

Até ao final século XVIII, o museu como edifício não existia. A origem do museu como verdadeira instituição, surge nos finais do século XVIII e no início do século XIX, período em que a privatização da arte, até então dirigida e "consumida" apenas por algumas elites sociais mais cultas, mudou radicalmente. O museu passava a ser acessível a todos.

O nascimento e evolução dos museus aparece ligado ao coleccionismo privado e público.

Podemos elencar, a título de exemplo: a "Ilha dos Museus"(Museumsinsel), em Berlim, uma ilha no meio do rio Speer, na qual foram construídos, entre 1825 e 1912, cinco museus públicos ou os Kunsthistorisches Museum e o Naturhistorisches Museum, em Viena, inaugurados em 1891 e unidos por uma grande praça, dedicada à Imperatriz Maria Teresa, ou ainda o Museu do Prado, em Madrid, inaugurado em 1819.

Os museus tornaram-se, então, lugares reestruturadores das cidades, sendo considerados as novas catedrais destas, transformando-se em lugares públicos, de aprendizagem, de culto e de ensinamento, onde o público se deslocava para adquirir conhecimento, gosto e pensamento crítico.

Os museus e monumentos passam a ser, como defende Marc Guillaume, não apenas símbolos da conservação e da memória colectiva de uma nação ou de uma cultura, mas também uma espécie de "âncoras" da cidade e da sociedade, passando a funcionar como o centro destas.

Um dos mais sofisticados museus, surgido no início do século XIX, foi o Altes Museum, em Berlim, projectado pelo arquitecto Karl Frederich Schinkel, em 1825.
Este museu, de escala monumental, foi construído na ilha degradada de Lustgarten, no centro da cidade tendo como premissa a transformação da imagem da cidade através da criação de um espaço público.

A partir da consolidação do espaço urbano, afirmou-se, desde logo, como um novo lugar na cidade, que oferecia à sociedade um lugar onde se confinaria, anos mais tarde,


ROTSCH
ARCELIN
DRUON
POMPIDOU
LIBERTE
LUTTENT pour un
UJCF RENAULT
UJCF RENAULT
POUR LA DEFENSE
LIBERT

um espaço livre para lazer e cultura e onde se implantaria a "Ilha dos Museus", já atrás citada.

Ao longo do século XX, o museu sofreu várias transformações quer espaciais quer programáticas. "(...) tal como sucedeu em todas as artes, a ruptura promovida pelas vanguardas teve reflexo no âmbito do museu, como instituição e como espaço do coleccionismo (...)." [14]

O seu propósito altera-se, o museu apresenta-se "(...)como espaço de conservação elitista, bastião de tradição e cultura superior, deu lugar ao museu como meio de comunicação social, como espaço de encenação espectacular e exuberância operática." [15]

O conceito de museu modifica-se, a partir daí, de forma quase radical, tornando-se, agora, um objecto de experimentação perante a sociedade, o qual, através da arquitectura, vai formar a identidade de um lugar.

Mais do que isso, emerge com a preocupação de criar novas vivências entre as pessoas.

Estes novos edifícios passam a ser, não só locais educativos, de memória, de depósito e de conservação, mas também espaços de informação sobre diversas áreas do saber. "Se na antiguidade, foram edificados templos sumptuosos, as construções de museus actuais são templos da identificação do ideal de cultura das nossas sociedades." [16]

Durante os anos 60 e 70 iniciou-se, então, um novo período caracterizado por uma revolução sociocultural, assinalada pela guerra no Vietname e pelos confrontos que esta causou, pelos combates pela igualdade racial e direitos civis e ainda, pelos movimentos estudantis.

Estes movimentos como o " Maio de 68", em Paris, e o movimento de Berkeley, deram origem a mudanças sociais e comportamentais radicais bem como a rupturas e convulsões estéticas e ideológicas, que marcaram, em definitivo, o século XX.

No seguimento destes movimentos, surge uma época de realização de novos movimentos e projectos culturais e o consequente aparecimento de novas vanguardas (ou neo-vanguardas), não só em alternativa ao que até aí se tinha feito e instituído, mas também criando um percurso de levantamento de margens culturais e anti-culturais, que possibilitaram uma nova reflexão sobre a relação (e acção-intervenção) entre o espectador/consumidor e a exploração objectual do espaço, da obra de arte e do seu significado.

É neste novo espírito da "contra-cultura", que surge uma contestação social e política que se vai estender à arquitectura, provocando uma nova relação com a arte, a cidade, o espaço público, o lugar, a paisagem, "(...) procurando "contaminar" o quotidiano, ou deixando-se "contaminar" por este". [17]

Um dos museus que surgiu ainda nesta época, mais precisamente em 1968, foi o MASP, da Arquitecta Lina Bo Bardi, na cidade de São Paulo, com o objectivo de promover a arte e a arquitectura para todos, integrando-as ou "contaminando" a sua vida quotidiana. Este museu, ao ser elevado do chão, forma uma grande praça coberta, um

14. MONTANER, Josep María, Museos para el nuevo siglo, Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 1995. Museus para o século XXI, trad. Eliana Aguiar, Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 2003. p. 9
15. GRANDE, Nuno, Museumania, museus de hoje, modelos de ontem, Público e Fundação de Serralves, 2009. p.6
16. UFFELEN , Chris Van, Contemporary Cuseums, Architecture History Collections, Braun publishing AG, 2010 p.9
17. GRANDE, Nuno, Museumania, museus de hoje, modelos de ontem, Público e Fundação de Serralves, 2009. p.8



espaço público que agrega as pessoas num lugar de diferente carácter, e tem como intuito convidar o público a poder reunir-se numa espécie de palco com diversas utilizações e práticas.

"Procurei recriar um "ambiente" (...) E gostaria que lá fosse o povo, ver exposições ao ar livre e discutir, escutar música, ver fitas(...) Não procurei a beleza, procurei a liberdade." [18]

Este museu, alcançou na sociedade e na cidade um novo habitar do espaço público e do próprio museu, tendo originado uma nova identidade ao lugar.

O museu, como construção que pode formar novos lugares, começa por dar importância, não só ao seu conteúdo, à sua colecção e ao seu acervo, mas também ao lugar e à memória que este pretende e pode criar. A procura da relação entre a arte e a arquitectura e entre estas e o público, torna-se importante durante o período dos anos 60 e 70, como já foi referido.

Foi através da criação de novos espaços que o museu se tornou num local de encontro, de performances, de discussões e de "happenings" que levavam a sociedade e as diferentes comunidades a interagir dentro e fora do espaço museológico.

Um dos exemplos europeus mais significativo é sem dúvida, o do "Centre Georges Pompidou", em 1977. Este projecto, ganho em concurso público, por Richard Rogers e Renzo Piano, tinha como finalidade, "misturar o quotidiano da cidade"[19], respondendo ao que poderia ser um museu e um centro multidisciplinar. O seu propósito seria, então, claramente polivalente, estabelecendo uma nova relação entre o museu, o individuo e a arte.

"Devido à critica dos museus funcionais, no pós-modernismo, tentou-se procurar espaços já existentes, devolutos, intersticiais, "não-convencionais". [20]

Vários edifícios foram reaproveitados, ocupados e reabilitados com diversos tipos de programas. Estes espaços passaram a criar uma maior ligação com o urbano e a sociedade, ao integrarem novos museus, onde a arte chega a todos, estimulando uma maior interacção entre arte/arquitectura e o lugar, artista e público.

No mesmo plano, um dos exemplos de edifícios recuperados e reaproveitados para o propósito de museu foi uma antiga escola primária em Queens, Nova York, a PS1 (Public School 1), fundado, em 1971, por Alanna Heiss do Institute for Art and Urban Resources Inc. Uma instituição dedicada à organização de exposições em espaços inutilizados e abandonados naquela cidade.

"Todos estes lugares foram transformados em espaços de encontro, exposição e happenings, ainda assim mantendo uma relação com a memória funcional precedente, resultado de subtis intervenções arquitectónicas." [21]

É nos finais do século XX e início do século XXI que nascem assim, novas e contemporâneas formas de museu. Como foi referido anteriormente, o espaço público é um elemento de transição entre o espaço urbano ou rural e o programa que, através da sua conexão, pode catalisar pessoas a nele permanecerem. Contudo, é também através do espaço público que novos programas e formas de habitar o museu surgem.

18. BARDI, Lina Bo e EYCK, Aldo Van, Museu de Arte de São Paulo, Lina Bo Bardi 1957-1968 , São Paulo : Instituto Lina Bo e P. M. Bardi ; Lisboa: Blau, cop. 1997. - [64] p. : il. ; 17 x 24 cm
19. GRANDE, Nuno, Museumania, museus de hoje, modelos de ontem, Público e Fundação de Serralves, 2009. p.11
20. GRANDE, Nuno, Museumania, museus de hoje, modelos de ontem, Público e Fundação de Serralves, 2009. p.9
21. GRANDE, Nuno, Museumania, museus de hoje, modelos de ontem, Público e Fundação de Serralves, 2009. p.9


Mercè
08

Como podemos verificar, o Museums Quartier -Bairro dos Museus- em Viena, funciona como um centro de arte contemporânea, equipado com distintas áreas culturais como o Museu MUMOK e o Leopold Museum, a Galeria de Arte de Viena, galerias de exposição E+G, o centro de arquitectura, e muitos mais programas, todos associados às artes, que através do mediador, o espaço público, conseguem contaminar a sociedade, permitindo uma utilização e interacção com a envolvente.

Também como exemplo, o Museu Arqueológico de Almería, onde a entrada do museu se situa no limite de uma praça, que tanto pode ser considerada como espaço público da cidade ou como o hall de entrada ao ar livre do museu.

Ou ainda como exemplos, o Museu Kiasma, em HelsÍnquia, o MUSAC - Museu de Arte Contemporânea de Castilla e Leon, ou o MACBA - Museu de Arte Contemporânea em Barcelona, entre muitos outros.

Estes museus tinham como ideia criar uma nova imagem das cidades, através de uma "articulação entre as politicas culturais e urbanas."[22]

A forma como a museografia actua, pode ser feita de diversas maneiras, mas maioritariamente, e em diversos casos, o museu encontra-se agregado ao espaço público, onde ambos são mobilizadores de pessoas.

Contudo, o desenvolvimento museológico nos finais do século XX e inícios do século XXI, não surgiu somente nas cidades. O museu como intermediário de cultura num lugar foi aumentando e consolidando-se, tanto nos meios urbanos como regionais, "constatando-se que o património e os museus desempenham um papel crucial neste processo de consolidação identitária e competitividade urbana."[23]

Os museus e a cultura deixam de ser apanágio dos grandes centros urbanos estendendo-se gradualmente a outros territórios :"Outra direcção fundamental na arquitectura é o seu contributo para o desenvolvimento regional, mediante a descentralização dos equipamentos culturais. A dispersão territorial dos espaços museológicos relaciona-se intimamente com a valorização do património natural, local ou arqueológico de contextos geográficos específicos." [24]

Nesta linha de raciocínio, o museu, como elemento de identidade, divulgação, cultura e educação, começa a surgir em meios rurais ou nos arredores de grandes cidades ou mesmo em cidades de pouca densidade populacional.

Como exemplo, o caso do Museu da Luz, na aldeia da Luz, dos Arquitectos Pedro Pacheco e Marie Clément que, através da adaptação e redesenho do território, surgiu "como elemento estruturante do novo lugar" [25]

Ou como o Museu Salzillo e a praça San Agustín, em Murcia, uma cidade regional em desenvolvimento, em Espanha, que "(...)possuem um significado muito especial na cidade(..)"[26]. Este projecto pretende instituir uma relação com a história e com o território, onde o museu penetra no espaço público, iniciando assim o percurso do museu, estabelecendo uma relação entre o interior do edifício e o exterior, a praça. "O museu e a praça fronteira foram

22. GRANDE, Nuno, Museumania, museus de hoje, modelos de ontem , Público e Fundação de Serralves, 2009. p.13
23. GIL COSTA, Fuensanta, JIMENÉZ DEL MORAL, Ana, Reinventar los museos: el gran reto del siglo XXI , Actas del I Congreso Iberoamericano del Patrimonio Cultural, Madrid, 200. p. 350
24. AI, Arquitectura Ibérica, Museus nº 31, Caleidoscópio - Edição e artes gráficas, SA, Abril 2009. p.9
25. PACHECO, Pedro, Museu da Luz, Aldeia da Luz, Mourão Pedro Pacheco e Marie Clément In: "2G", nº esp., Novembro 2005. p. 92
26. PAVÓN, Francisco López, A luz a gravidade, o solo : Museu Salzillo e Praça San Agustín [projecto de] Yago Bonet Correa , In: "Arquitectura e Vida", nº 79, Fevereiro 2007. p. 50.



concebidos como um percurso no tempo e no espaço; um lugar de encontro(...)capaz de satisfazer as necessidades quotidianas(...)."[27]

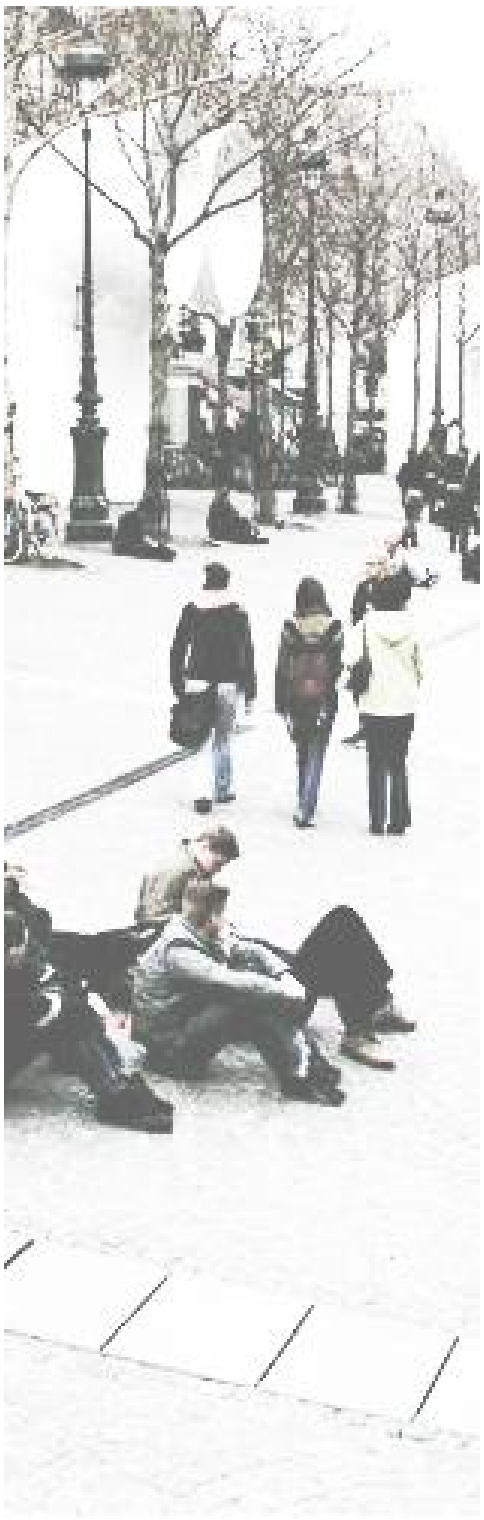
Também dentro destes exemplos, o Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa, projectado pelos arquitectos Pedro Tiago Pimentel e Camilo Rebelo, e implantado numa encosta da foz do Côa, afirma-se perante o lugar, realçando a sua localização e concebendo "o museu enquanto instalação na paisagem". [28]

A estratégia de ocupação propõe, portanto, uma nova abordagem ao território, onde a cobertura do museu estabelece a cota de chegada, transformando-se numa plataforma panorâmica, " cujo cenário é a esmagadora paisagem dos montes e vales do Douro". [29] Somos então, levados ao encontro do espaço público no museu.

"Com efeito, a globalização tem impulsionado uma nova forma de nomadismo, associada ao turismo cultural, que faz com que as pessoas se desloquem entre cidades, regiões e países para visitarem monumentos, museus e exposições. "[30]

Desta forma, os museus "são uma presença ubíqua e influente na cultura contemporânea"[31], e vão encontrar no quotidiano social e na formação e identidade de um lugar um papel importante e determinante, pois têm a condição ou a "habilidade" de oferecer à sociedade diversificadas experiências. Os museus têm assim, a função de divulgar, não só o seu conteúdo, mas também, nos nossos dias, a de se transformarem em locais e espaços de lazer, educação, consumo e encontro convivencial, onde a arte a todos atinge, e onde a tarefa do museu será a de recriar e gerar novos lugares.

27. PAVÓN, Francisco López, A luz a gravidade, o solo : Museu Salzillo e Praça San Agustín [projecto de] Yago Bonet Correa , In: "Arquitectura e Vida", nº 79, Fevereiro 2007. p. 50
28. PIMENTEL, Pedro Tiago, Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa, Pedro Tiago Pimentel e Camilo Rebelo In: "Jornal Arquitectos", nº 216 ,Julho. 2004. p. 98
29. PIMENTEL, Pedro Tiago, Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa, Pedro Tiago Pimentel e Camilo Rebelo In: "Jornal Arquitectos", nº 216 ,Julho. 2004. p. 98
30. AI, Arquitectura Ibérica, Museus nº 31, Caleidoscópio - Edição e artes gráficas, SA, Abril 2009. p.10
31. AI, Arquitectura Ibérica, Museus nº 31, Caleidoscópio - Edição e artes gráficas, SA, Abril 2009. p. 4







CASE STUDIES

Nos dias de hoje, os museus contemporâneos assumem-se cada vez mais, como espaços ou lugares centrais e centralizadores no tecido urbano da cidade moderna, tendo por isso, uma participação activa e estimuladora na vida da sociedade. Função essa que se tem consolidado, de forma evidente, ao longo das últimas décadas.

Este facto tem origem na alteração do propósito e do papel inicial dos museus, que na contemporaneidade, passam a gerar e a estimular espaços de encontro e de cruzamento entre outras funcionalidades, contribuindo assim para requalificar espaços urbanos, concebendo novas abordagens e (re)inventando novas identidades dos lugares.

O conceito de museu como agregador de um espaço público é hoje uma ideia dominante em inúmeros museus.
A escolha dos casos de estudo aqui apresentados, baseou-se na selecção de três museus implantados em diferentes lugares e com distintas formas de abordar o espaço público, bem como no impacto que causaram sobre a sociedade, ao criarem uma nova identidade através da construção do lugar. Com efeito, estes três edifícios seleccionados têm em comum o facto de tratarem o tema museu enquanto espaço público e, através da criação e integração de praças e plataformas, terem sido geradores de novos lugares.
Nesta perspectiva, como contributo para um futuro debate mais abrangente, tentar-se-á ainda demonstrar, através de uma análise explicativa, como estes três exemplos de museus se inserem, de maneira diferente, no espaço urbano e como se constituíram em espaços públicos de características distintas. Procurar-se-á também, abrir algumas pistas para uma abordagem comparativa entre os casos de estudo.

Assim, depois de observarmos inúmeros museus que existem em diversas partes do mundo, foram escolhidos três exemplos: o Centro Georges Pompidou em Paris, dos arquitectos Renzo Piano e Richard Rogers; a CaixaFórum em Madrid, dos arquitectos Herzog & De Meuron; e a Casa das Artes em Vitória, do arquitecto Paulo Mendes da Rocha.

Como fora sustentado anteriormente, é através da arquitectura que se constroem novos lugares. Estes três museus agora seleccionados, através das suas fortes intervenções no espaço urbano, conseguem fazê-lo de forma muito evidente, seja através de operações de redefinição e reestruturação da malha urbana, seja através da recriação efectiva de novos espaços públicos. É por isso que conseguem neles reunir muito do que vai para além do que é um museu na perspectiva clássica, congregando nos



seus edifícios uma ideia e uma prática de multidisciplinaridade, transformando-se em locais de encontro e conseguindo uma interacção com a arquitectura, as artes e a sociedade, onde esta responde e interage de maneira diferente. Parece-me podermos concluir facilmente, que com estes museus, surgem e geram-se novas identidades e lugares, criando assim uma imagem universal que é reconhecida por todos em todo o mundo.

CENTRO GEORGE POMPIDOU

Em 1970, o presidente francês Georges Pompidou, lançou um concurso internacional de arquitectura com a ideia de criar uma instituição cultural no centro de Paris, sendo sua intenção desenvolver um centro contemporâneo que reunisse, num só edifício, todas as artes visuais. Este concurso, presidido pelo Arquitecto Jean Prouvé, foi ganho pelos os Arquitectos Renzo Piano e Richard Rogers. O Centro Pompidou, também conhecido como Centro Beaubourg, foi um projecto arquitectónico cuja implantação urbana despoletou uma grande controvérsia na capital francesa.

A escolha deste projecto ficou a dever-se sobretudo, ao facto deste edifício vir a abordar o modo como a museologia se tinha transformado ao longo da história da arquitectura. O Centro Pompidou "reflecte uma nova filosofia de acção cultural".[32] Este projecto foi da maior importância , pois foi através dele, que tinha como uma das sua principais finalidades a renovação urbana de uma zona central e histórica da cidade, que se concebeu uma re-formatação do conceito do museu tradicional, através de uma permanente intenção de divulgação contaminadora entre arte, cultura, arquitectura e sociedade.

Foi através da reformulação do espaço público que isso foi possível, mas foi também pela transformação do modo de pensar que estes arquitectos trouxeram e conseguiram criar, com este projecto, mais do que um museu: um verdadeiro centro multidisciplinar e polivalente onde o museu se assume "como um espaço ligado ao quotidiano".[33]

O Centro Beaubourg propõe-nos um lugar de experimentação, gerando novas ligações entre a cidade, o espaço urbano e o público. Existe uma pluridisciplinaridade acerca deste projecto, que é conseguido pela união do artista com o visitante, sendo, por isso, um claro exemplo de "difusão cultural".[34]

A implantação deste museu foi feita de maneira cirúrgica no tecido urbano: através do restabelecimento da "Rue du Renard" e da criação da grande praça, pretendia-se desenvolver uma continuidade entre a cidade e o Centro, uma "articulação das zonas envolventes"[35], e uma reintegração na "malha urbana preexistente"[36], conseguindo aí estabelecer o lugar de encontro e de inter-relações entre a cidade, o público e o museu.

"Paralelamente, o projecto sublinha a importância dos espaços exteriores adjacentes que complementam o programa desenvolvido no interior do edifício institucional, através de actividades diversas marcadas pelo improviso e pela informalidade. De facto, as praças públicas em torno do Centro servem de palco para inúmeras manifestações

32. CARVALHO, Eduardo Manuel de Morais Kol de, in Arquitectura, Arquitectura. Planeamento. Design. Construção. Equipamento, Ano I, (4ª série) nº136 , Fevereiro 1980. p. 52
33. BARRANHA, Silva Helena, Arquitectura de museus e iconografia urbana: concretizar um programa/construir uma imagem, Texto publicado em SEMEDO, Alice; LOPES, João Teixeira (coord.), Museus, Discursos e Representações, Edições Afrontamento, Porto, 2006. p. 4
34. CARVALHO, Eduardo Manuel de Morais Kol de, in Arquitectura, Arquitectura. Planeamento. Design. Construção. Equipamento, Ano I, (4ª série) nº136 , Fevereiro 1980. p. 52
35. CARVALHO, Eduardo Manuel de Morais Kol de, in Arquitectura, Arquitectura. Planeamento. Design. Construção. Equipamento, Ano I, (4ª série) nº136 , Fevereiro 1980. p. 53
36. CARVALHO, Eduardo Manuel de Morais Kol de, in Arquitectura, Arquitectura. Planeamento. Design. Construção. Equipamento, Ano I, (4ª série) nº136 , Fevereiro 1980. p. 53


CaixaForum

lúdico-culturais e, ao mesmo tempo, contribuem para reconfigurar e reorganizar o espaço urbano." [37]

Este projecto foi desenhado dando importância à utilização do espaço, para que possa ser adaptado e modificado pelo homem conforme os seus objectivos. A apropriação deste espaço é feita de forma espontânea e pessoal. É também por isso, que o Centro Pompidou "constitui um novo exemplo de difusão cultural" [38].

Por outro lado, também porque este centro multidisciplinar, representa no futuro o propósito de outros centros culturais, através da sua recriação de espaço urbano, retomando a importância que o espaço público tem, neste caso num e com um museu, e contribuindo em definitivo para o repensar da revitalização urbana e social.

"Uma construção torna-se arquitectura quando é utilizada, absorvida pelo 'environment' e responde ao papel que é levada a desempenhar." [39]

O Centro Georges Pompidou revela em todo o seu projecto o papel que deve desempenhar, pois ainda hoje podemos considerar que este centro cultural, é reconhecido em toda a parte e que se transformou rapidamente, num dos museus mais importantes no mundo. Este edifício converteu-se num espaço e num lugar (interior e exterior) no qual a sociedade o habita conforme deseja e necessita, sobretudo através do espaço público conecta-se com a envolvente e com a sociedade, gerando assim um novo lugar e uma nova identidade.

CAIXAFORÚM

A CaixaForúm é um centro cultural e social que pertence à Obra Social espanhola "la Caixa". A "ideia" deste edifício é procurar estabelecer uma ligação e divulgação muito próxima da arte com a sociedade, consoante as necessidades desta, mantendo uma forte preocupação de a todos poder chegar. Localizado no Paseo del Prado, exactamente onde a cidade de Madrid oferece as suas instituições museológicas de maior relevo e visibilidade, o seu projecto partiu da reabilitação da antiga central eléctrica do Mediodía, e ficou a dever-se à dupla de Arquitectos Jacques Herzog e Pierre De Meuron.

O edifício da CaixaFórum, foi pensado como um centro dirigido sobretudo para um público que se interessa por artes visuais. Se por um lado passa pelo próprio edifício em si, como construção, e também pelo projecto urbanístico desenhado de forma coerente por parte dos arquitectos, por outro é porque a CaixaForúm de forma muito objectiva, se afirma, tal como o Centro George Pompidou, como um edifício multidisciplinar.

Através do fraccionamento entre o edifício e o solo, desafiando as leis da gravidade, os arquitectos conseguiram gerar um novo lugar, oferecendo aos visitantes um novo espaço público, uma praça.

O edifício da CaixaFórum estabelece um novo relacionamento com a envolvente, surgindo assim uma diferente e nova configuração urbana. Através deste gesto não só criaram uma continuidade visual assim como um

37. BARRANHA, Silva Helena, Arquitectura de museus e iconografia urbana: concretizar um programa/construir uma imagem, Texto publicado em SEMEDO, Alice; LOPES, João Teixeira (coord.), Museus, Discursos e Representações, Edições Afrontamento, Porto, 2006. p. 5
38. CARVALHO, Eduardo Manuel de Morais Kol de, in Arquitectura, Arquitectura. Planeamento. Design. Construção. Equipamento, Ano I, (4ª série) nº136 , Fevereiro 1980. p. 53
39. CARVALHO, Eduardo Manuel de Morais Kol de, in Arquitectura, Arquitectura. Planeamento. Design. Construção. Equipamento, Ano I, (4ª série) nº136 , Fevereiro 1980. p. 54



lúdico-culturais e, ao mesmo tempo, contribuem para prolongamento da rua.

Esta praça de inclusão na cidade, aparece através da eliminação do piso térreo do edifício existente, proporciona um novo lugar à cidade, um espaço ao mesmo tempo aberto e coberto de luz e de sombra.

O desenho do espaço público oferece ao lugar uma nova identidade arquitectónica e como tal, surgem dois mundos diversos, resolvendo vários problemas que aí pré-existiam.

CAIS DAS ARTES

Cais das Artes localiza-se em Vitória, no Brasil, uma cidade construída em redor de um porto. Foi entre duas fronteiras, por um lado delimitado por água, e por outro contido pela envolvente, que se implantou o museu e o teatro projectado pelo Arquitecto Paulo Mendes da Rocha, em colaboração com o atelier Metro.
Este projecto situa-se na Enseada do Suá, estendendo-se ao longo de uma grande plataforma aterrada. Esta posiciona-se no limite , estabelecendo entre dois sistemas, a cidade e a água do canal que contorna a ilha de Vitória, evidenciando o "entorno paisagístico e histórico da cidade."[40]

"O projecto faz um elogio desse território construído pelo monumental confronto entre natureza e construção, numa cidade quotidianamente animada pela presença do porto, no constante e enérgico trabalho das docas." [41]
O projecto através do seu posicionamento estratégico e abordagem ao território, é um exemplo concreto da relação entre dois sistemas. Primeiramente, com o espaço público como elemento de transição entre o espaço urbano e o programa. Em segundo lugar, com o museu, espaço definido em si próprio que se pretende como um contentor programático mas simultaneamente como um espaço que potencia relações humanas através da interacção do espaço, do homem e da arte.

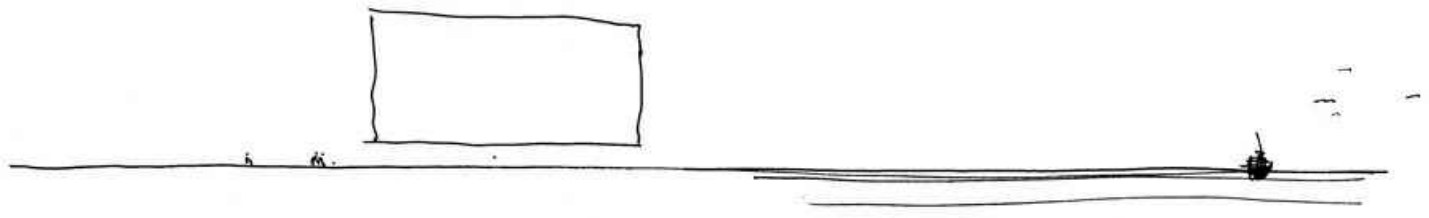
Numa abordagem mais direccionada à potencial relação entre a peça museu e a cidade, cria-se uma grande infra-estrutura, um espaço público, através do qual estamos em contacto directo com o rio "um passeio público junto ao mar"[42]

A opção tomada pelos arquitectos de suspender os edifícios do solo, vai possibilitar a criação de um campo visual sobre a praça e a paisagem que a rodeia, facultando uma continuidade entre o natural e o construído.

"Uma acção arquitectónica orientada urbanisticamente no sentido de adequar história e geografia a uma desejada visão do presente, indicando, ao mesmo tempo, uma concepção museológica que procure associar arte e ciência numa perspectiva integrada."[43]

O projecto urbanístico do museu constituiu-se como ponto de partida, que através da criação do espaço público dá origem a um novo lugar. Um local de encontro e de "atracção na vida cultural da cidade".[44] É através deste espaço de transição que surge também uma nova identidade onde o "público pode descortinar sua paisagem

40. http://www.metroo.com.br/projects/view/3/5
41. http://www.metroo.com.br/projects/view/3/5
42. http://www.metroo.com.br/projects/view/3/5
43. http://www.metroo.com.br/projects/view/3/5
44. http://www.metroo.com.br/projects/view/3/5



O monumental confronto natureza e construção,
neste lugar, sugere os edifícios suspensos
no ar e as visuais livres e desimpedidas,
para a paisagem e o espetáculo dos trabalhos
no mar.

monumental de forma privilegiada". [45]

Este museu tem como característica a sua multidisciplinaridade programática, não tendo sido apenas concebido como museu e teatro, garantindo inúmeras funções, conseguidas através do espaço público. Este projecto "constituirá, uma nova referência visual na paisagem da Baía de Vitória, que poderá ser admirada desde inúmeros pontos de vista ou miradouros." [46]

Esta intervenção, pretende ser mais do que apenas um edifício "auto-referente"[47], mas uma peça de inter-relação social garantida pela abordagem ao território .

A cidade de Vitória, desenvolve assim uma nova identidade.
A relação estratégica que assume no sítio gera um novo lugar. Este através da arquitectura assegura um espaço de relações sociais, que incentiva a permanência numa estável relação entre o contexto urbano e o conteúdo programático do museu. Essa consequência dever-se-á à criação do espaço público - a plataforma - que assimila um novo espaço de "expansão urbana"[48] e o desenvolvimento da cidade em conformidade com a sociedade.

"O projecto procura disciplinar a ocupação urbana em frente ao mar". [49]

45. http://www.metroo.com.br/projects/view/3/5
46. http://www.metroo.com.br/projects/view/3/5
47. http://www.metroo.com.br/projects/view/3/5
48. http://www.metroo.com.br/projects/view/3/5
49. http://www.metroo.com.br/projects/view/3/5

CONCLUSÃO

A dissertação objecto de análise procurou reflectir sobre a importância do espaço público no museu.

É no espaço público que a sociedade se institui na sua forma, principalmente como espaço catalisador de vivências gerado pelas pessoas.

Ao longo dos tempos, a construção de espaço público esteve sempre implícita na edificação do lugar. Com o espaço público, florescem novas identidades sociais, estando a ele associada uma melhor qualidade de vida das pessoas, o que leva a que as relações entre elas sejam um inescapável pano de fundo.

Com o passar do tempo, o museu formalizou-se como um edifício, sendo reconhecido como instituição (ou "montra") que expressa a intenção de coleccionar objectos para serem exibidos a um público. Todavia, não se pode negar que a sua função vai além disso, ao tornar-se na imagem evolutiva cultural das sociedades, estabelecendo uma conexão entre o espaço envolvente e o público.

O museu e o espaço público têm o poder de construir lugares, com a utilidade de lhes conferir novas identidades, determinando uma conexão entre o lugar e o homem, através da arquitectura.

De tal modo, a utilização do espaço público no museu, não só estabelece o contacto entre o interior e o exterior, como pretende ser muito mais do que um espaço de transição. É, imperativamente, um local de encontro. A agregação do espaço público no museu, parte principalmente, da necessidade do indivíduo se relacionar e se aproximar à arte, formando lugares e novas identidades.

Nesta dissertação, fez-se uma selecção de projectos que se considerou serem representativos da utilização do espaço público agregado ao museu.

O conjunto de edifícios analisados e apresentados, permite concluir que ao incorporar no museu um espaço público, é possível criar novos programas e formas de habitar o espaço, gerando diferentes relações entre os diversos intervenientes a este associados - o indivíduo, a arte e o lugar. Apercebemo-nos que todos os casos têm em comum gerarem novos lugares, por meio de instituições museológicas anexadas a um espaço público e pela reformulação e criação do espaço urbano.

Para uma melhor compreensão do tema abordado, foram destacados três casos, que se relevaram da maior importância aquando da integração do espaço púbico na tipologia museológica. São eles, o centro Georges Pompidou, em Paris, dos arquitectos Renzo Piano e Richard

Rogers; a CaixaFórum, em Madrid, dos arquitectos Herzog e De Meuron; e a Casa das Artes, em Vitória, do arquitecto Paulo Mendes da Rocha.

A intervenção no território é executada de formas diferentes nos três museus. Porém, e em conclusão todos eles respondem à mesma necessidade, ainda que por meio de diferentes estratégias.

É pela criação de espaço público no museu que se consegue catalisar relações inter-pessoais, podendo impulsionar o lugar a tornar-se uma ponte cultural, gerando novas identidades, onde este se torna parte da arquitectura e vice-versa. Deparamo-nos assim com o conceito de Genius Loci .



entre FRONTEIRAS

A SIMBIOSE

entre a terra e a água, Portugal e Espanha lá no longínquo contempla-se a emergência dum lugar,

onde o passar do tempo não reflecte muitas transformações mas sim uma fronteira frágil onde a sua existência e identidade se perderam no tempo.

A ideia de intervenção seria consolidar essa fronteira onde a paisagem que nos envolve proporciona a presença de um novo limite, o descobrir da luz artificial, a sombra, a natureza morta, o seco.

É uma concentração de momentos, um jogo de sensibilidades do lugar entre o íntimo e público.

É nessa fronteira, limite, que se implanta o projecto e através de uma nova redefinição surge um novo sentido de habitar a margem.

Através de um percurso conseguimos vencer a empena e chegar a um espaço público onde o museu pousa sobre ele, onde constantemente percebemos a tensão que existe entre a paisagem e a massa, que é fragmentada através de arcos.

é " Fantástico. Estar dentro e estar fora" ! P. Zumthor

ANÁLISE DO TERRITÓRIO

LUGAR . JUROMENHA

Juromenha situa-se no conselho do Alandroal, no centro do Alentejo. Esta aldeia, bastante rural e isolada, tem como particularidade a sua posição territorial e estratégica que durante a sua história adquiriu uma relevante importância, desempenhando uma função defensiva do território.

A ocupação humana da zona de Juromenha manifesta indícios, já desde a altura do paleolítico. Existem relatos desde a pré-história, onde esta foi habitada por diversos tipos de povos, sendo, posteriormente, ocupada por romanos, muçulmanos e cristãos.

Está situada num território de relevo acentuado, entre o limite do Rio Guadiana e a paisagem que o rodeia. A sua entidade e relevância não podem ser desligadas de quatro realidades distintas, o edificado, a fortaleza, o rio e a envolvente paisagística.

Actualmente Juromenha, apresenta-se como uma zona estagnada no tempo, pelo que a função militar de defesa territorial que desempenhava outrora é, nos tempos que correm, desnecessária. No entanto, apesar de serem poucos os seus habitantes, esta aldeia possui, devido à sua história, um importante património, tanto arquitectónico/arqueológico, a fortaleza, como paisagístico, toda a sua envolvente e a relação com o rio.

Por isso, a ideia do projecto foi afastar o mesmo da fortaleza, pois esta trata-se de uma ruína de valor histórico, e deve ser preservada. No sentido em que a ruína, como vestígio, é uma marca de arquitectura deixada por outras civilizações, apresentando-se como elemento de memória social, evocando o passado da zona.

Presentemente, Juromenha é a única localidade de água noconselho do Alandroal e situa-se a norte da barragem do Alqueva. A fixação humana, surge maioritariamente, devido a condicionamentos favoráveis ao sustento desta. Sendo que uma dessas condições é, em grande parte dos casos, a existência de contiguidade da água. O que não acontece com Juromenha, como já foi referido, por esta ser um local defensivo.

Deste modo, a proposta para o museu, surgiu como redefinição da margem, originando um novo limite e um novo lugar junto ao rio. O projecto situa-se no confim de um vale e pousa sobre uma construção em aterro com 5m de altura devido às variações e oscilações do nível das águas, resultante da construção da barragem e de causas naturais.

A ligação ao museu será feita através de um percurso pedonal, que parte da existência de outro, já existente, ao longa da fortaleza, vencendo-se, assim, o desnível de cotas. O percurso é limitado pelas linhas de talvegue, resolvendo deste modo o escoamento das águas através de um sistema de caleiras, inserido na zona referente ao espaço público, espaço este de terra compacta, permitindo criar assim, uma maior permeabilidade das águas.

Toda esta operação pretende estabelecer uma importante relação com a paisagem envolvente, resguardando o património existente, para não desvalorizar a importância de Juromenha, mas sim, devolvendo-lhe uma nova identidade.















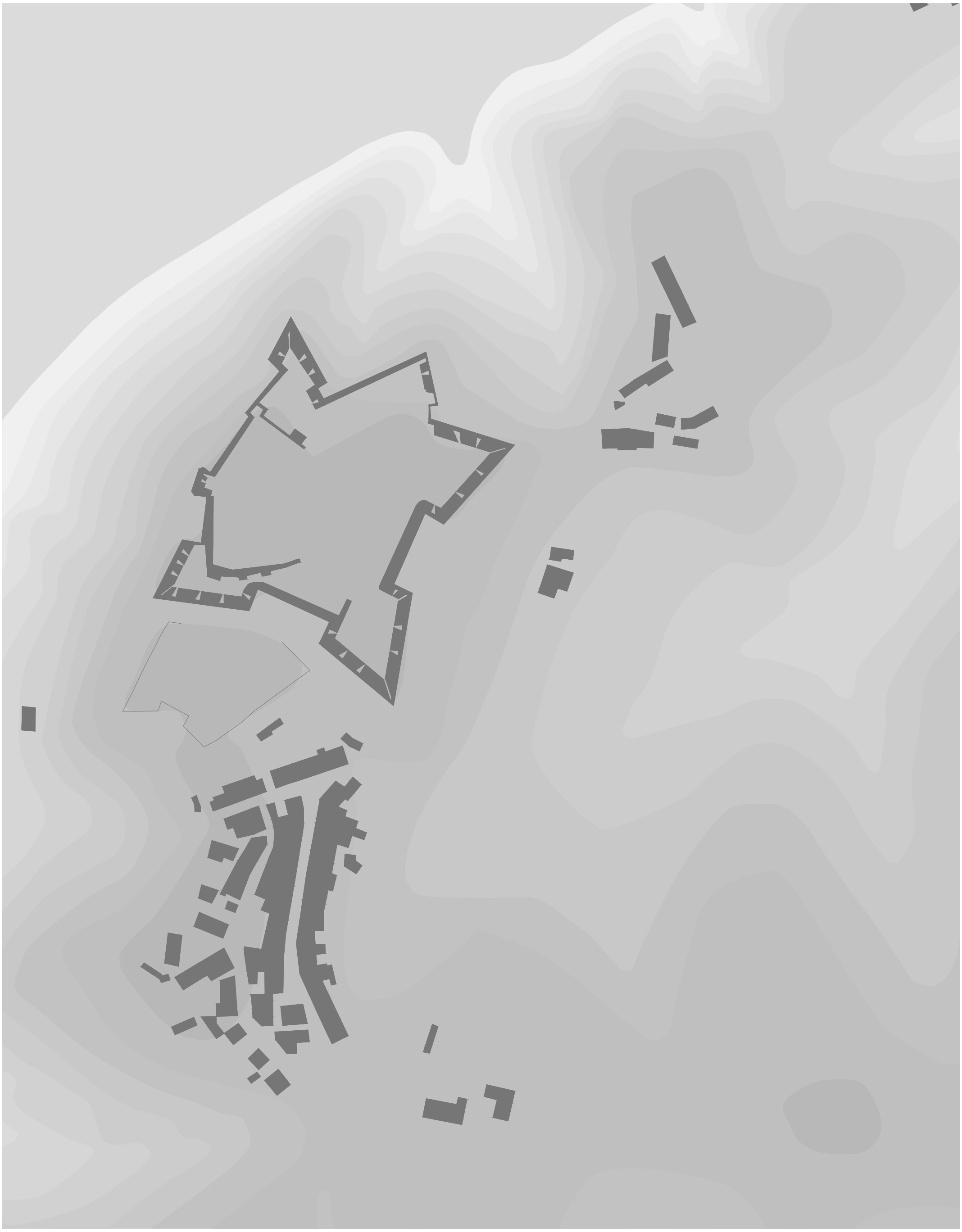
CURVAS DE NÍVEL

LINHAS DE TALVEGUE PRINCIPAIS

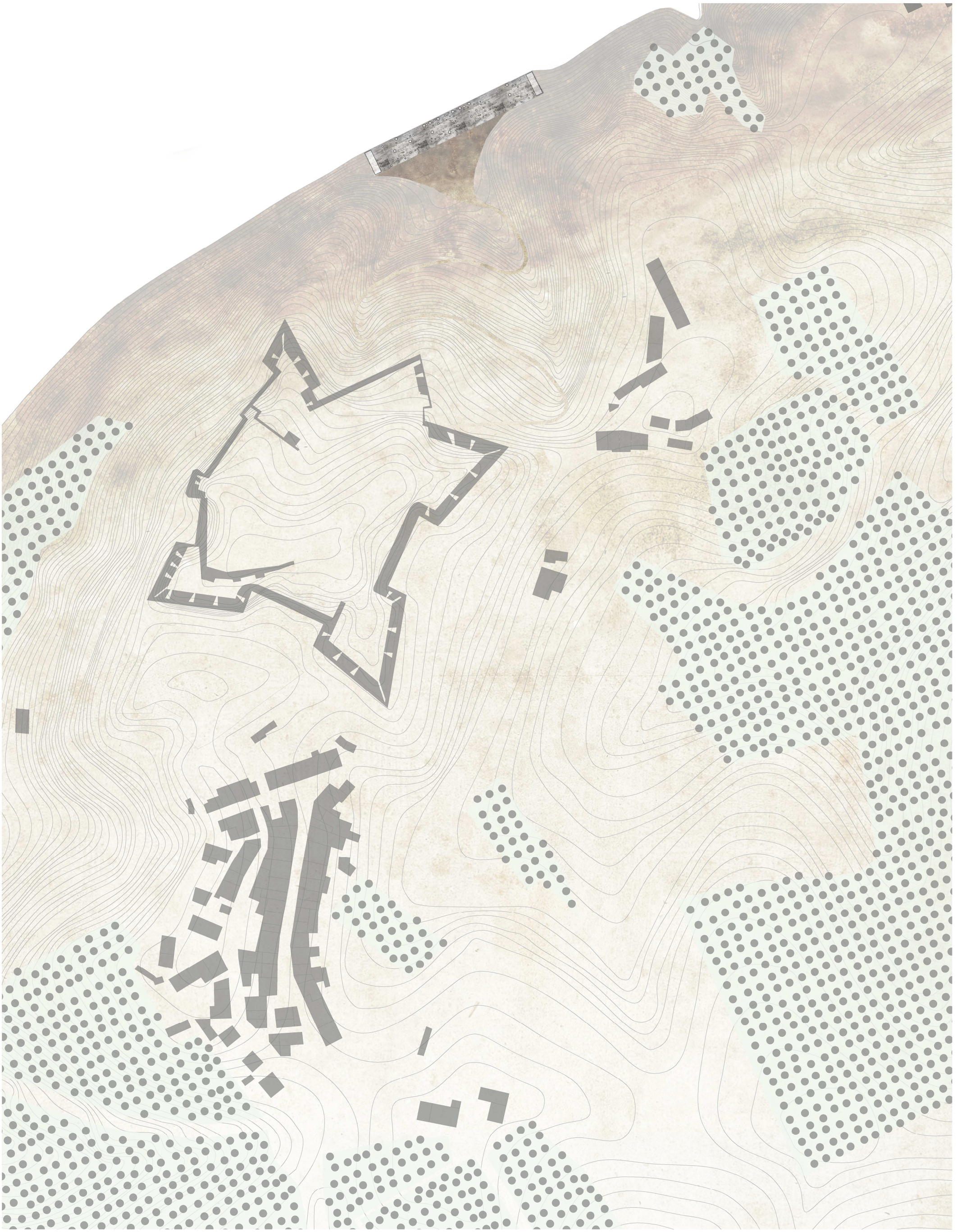
LINHAS DE TALVEGUE

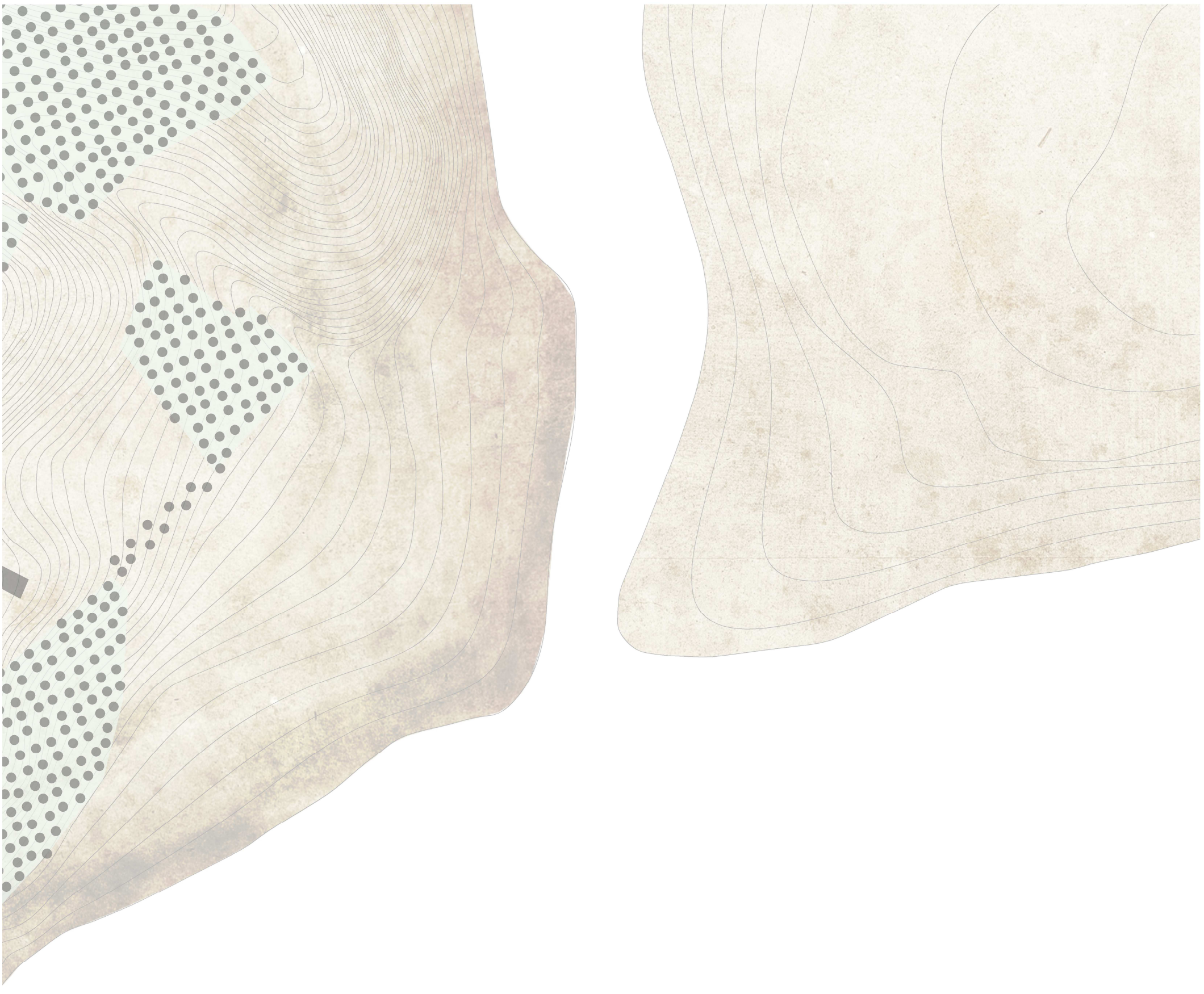
BALTÍMETRIA . 5 m

PLANTA HIDROGRÁFICA 051.052









VEGETAÇÃO EXISTENTE

MEMÓRIA DESCRITIVA

O propósito deste projecto é desenvolver um museu de arte contemporânea, situado em Juromenha no Alentejo de Portugal.

É entre a terra e a água que o projecto se localiza, mais concretamente no confim. Entre o limite do Rio Guadiana e a paisagem que a envolve, fazendo fronteira com Espanha. "É uma terra de confim" onde a fronteira é o lugar onde o limite tende a expandir-se.

A palavra fronteira, historicamente, significa aquilo que sua origem indica o que está na frente. Apareceu como um fenômeno da vida social instintiva, declarando a margem do mundo ocupado, para onde aspirava a se desenvolver.

"Os limites são condição necessária para toda e qualquer coisa possuir forma. Todo o espaço, ao ter forma e limites, torna-se lugar, definível e identificável."

A ideia da proposta é a redefinição da margem, da linha de costa, delineando um novo limite, que pretende tanto conectar como procurar a sua integração na paisagem. Este projecto-limite vai, então, estabelecer uma ligação entre a aldeia/fortaleza e o museu.

O projecto situa-se no culminar de um vale, e a ideia da intervenção seria a redefinição não só da linha de costa, da margem, mas também, a consolidação de uma nova fronteira entre a terra e a água, onde a paisagem e a proposta também fariam parte da descoberta dessa operação.

É a partir da proposta que surge um novo espaço público que possibilita o habitar o rio, e é também através de um novo edifício que ambos podem devolver e criar uma nova identidade do lugar, atribuindo-se então uma nova caracterização a Juromenha.

O espaço público caracteriza-se formalmente através de um aterro em betão, sob o qual a proposta assenta, originando uma plataforma de chegada ao museu. O espaço em sobra sob o edifício, tem ligação com a zona envolvente ao ar livre, descoberta, que está conectada a um percurso de pé posto que parte da fortaleza e se estende ao longo do vale, vencendo o desnível de cotas, sendo estes, de terra compacta. Deste modo é conseguida, uma melhor integração da proposta, criando-se uma ténue fronteira entre a mesma e a sua envolvente, tanto paisagística, como construída.

A escolha da terra compacta no espaço público ao ar livre, deve-se ao facto de a proposta se inserir num território de pequena escala e rural. Pretendendo-se desta forma não descaracterizar o lugar, e ainda, tendo em conta a localização no confim do vale, cria-se uma maior permeabilidade do solo.

Da plataforma/aterro, nasce o edifício museu, que se apoia sobre seis grandes pilares habitáveis, abrigando estes, áreas técnicas e os acessos verticais de acesso ao museu. Esta acção, permite que o edifício se torne mais elegante e que se integre melhor na envolvente paisagística, para isso, os pilares do edifício não assentam no solo de uma forma brusca recorrendo-se à forma orgânica do arco.

O programa pedido desenvolve-se em dois pisos, em que o bengaleiro, cafetaria, bar, zona de leitura loja, espaço de

RABAÇA, Armando, Entre o Corpo e a Paisagem - Arquitectura e lugar antes do genius loci , Edições do Departamento de Arquitectura da FCTUC, Coimbra, 2011. p. 40

leitura, dois pátios, instalações sanitárias e exposições temporárias, se necessário. O segundo destina-se ao espaço expositivo do museu e a áreas técnicas.

Em termos funcionais o edifício apresenta-se como um grande openspace possibilitando uma maior flexibilidade do espaço tornando-o polivalente. Ambos os pisos são muralhados por uma parede estrutural habitável onde se localizam todos os serviços e infra-estruturas necessárias. A cobertura do edifício é perfurada possibilitando a entrada de luz zenital, transformando-se, esta, em alçado para quem chega ao lugar por terra, e é a única "fachada" do museu onde existem aberturas para o exterior.

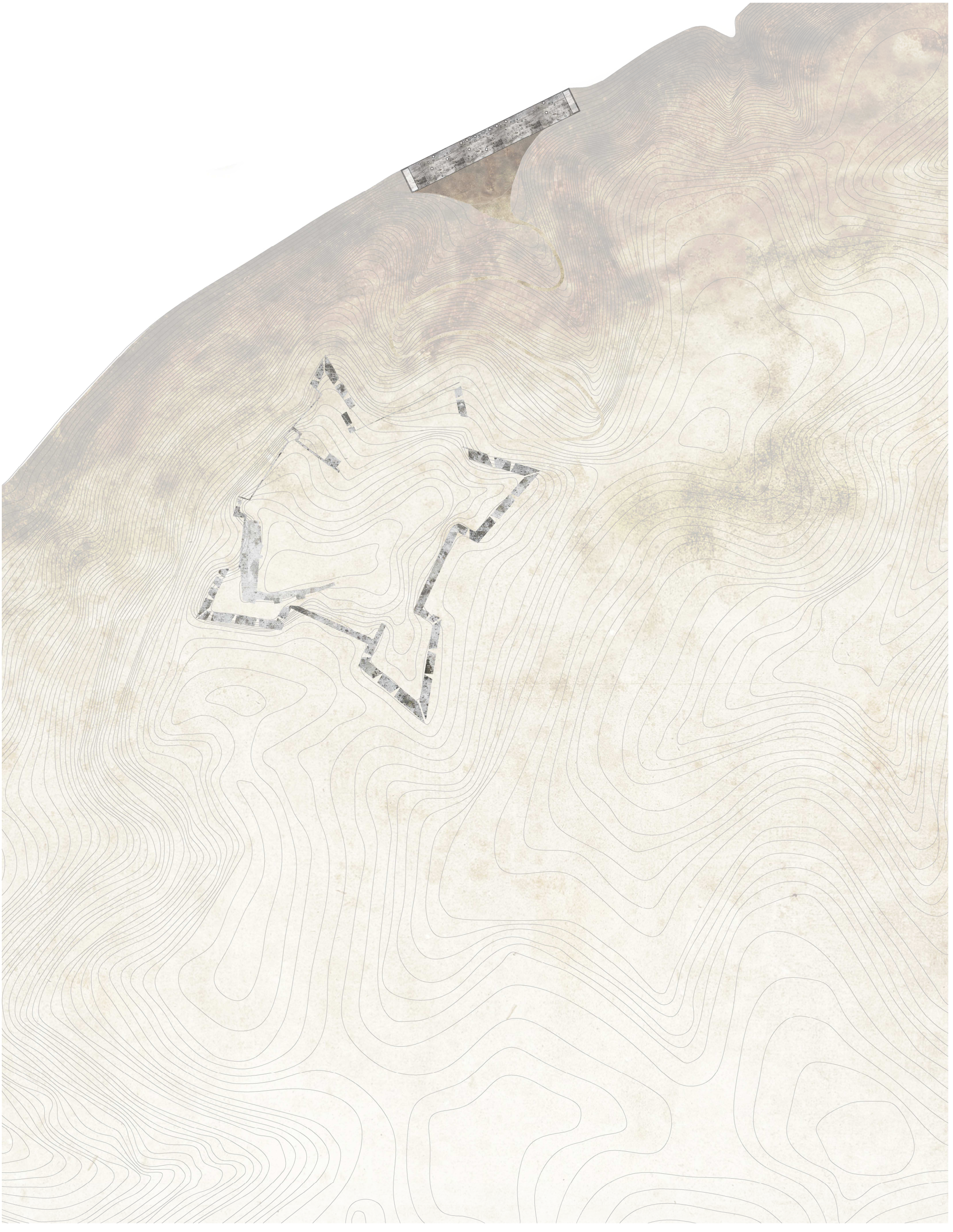
O propósito deste museu seria, a consolidação de um novo limite através da redefinição da margem, que entre FRONTEIRAS, crie novas inter-relações, reafirmando assim, uma "nova" identidade a Juromenha.

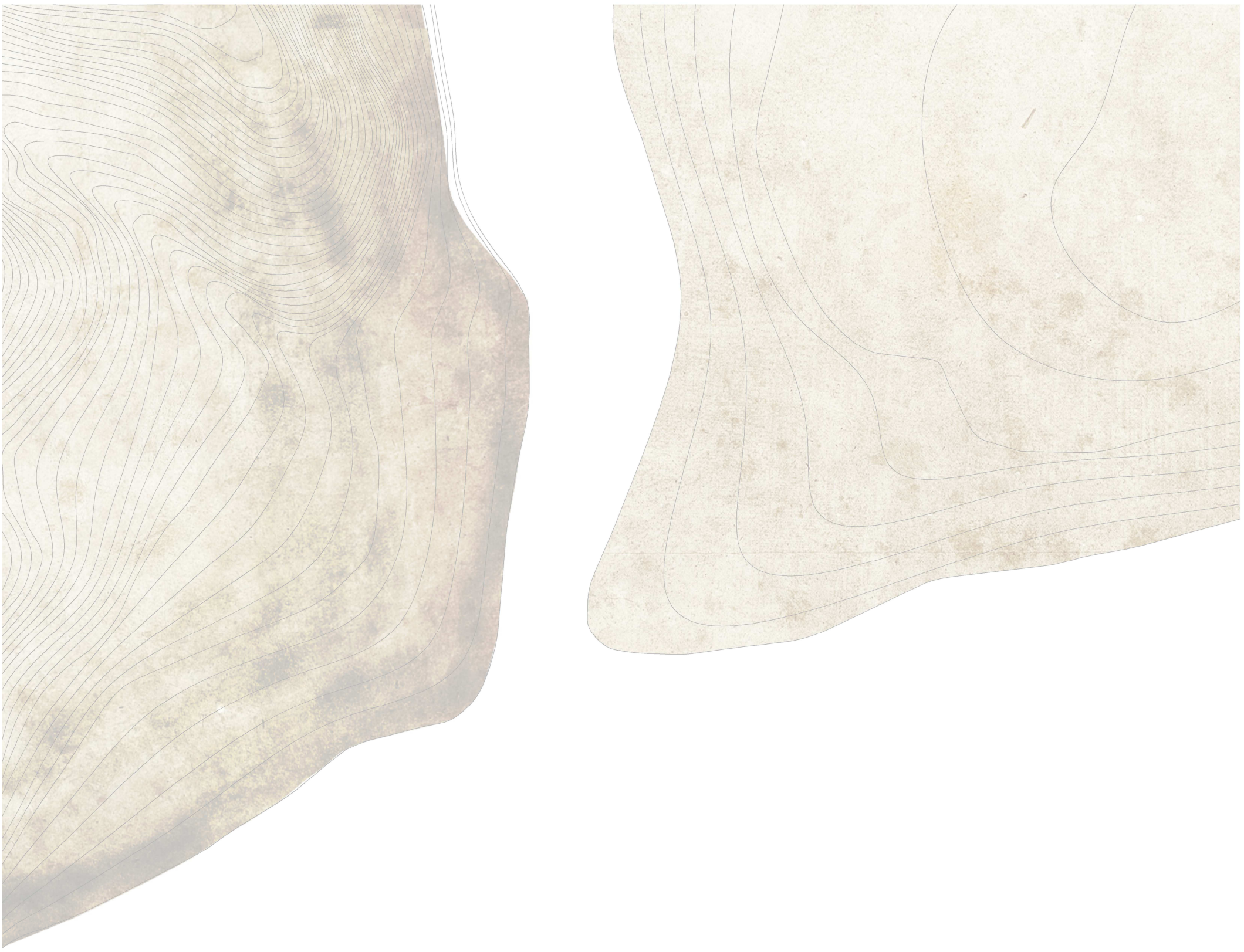




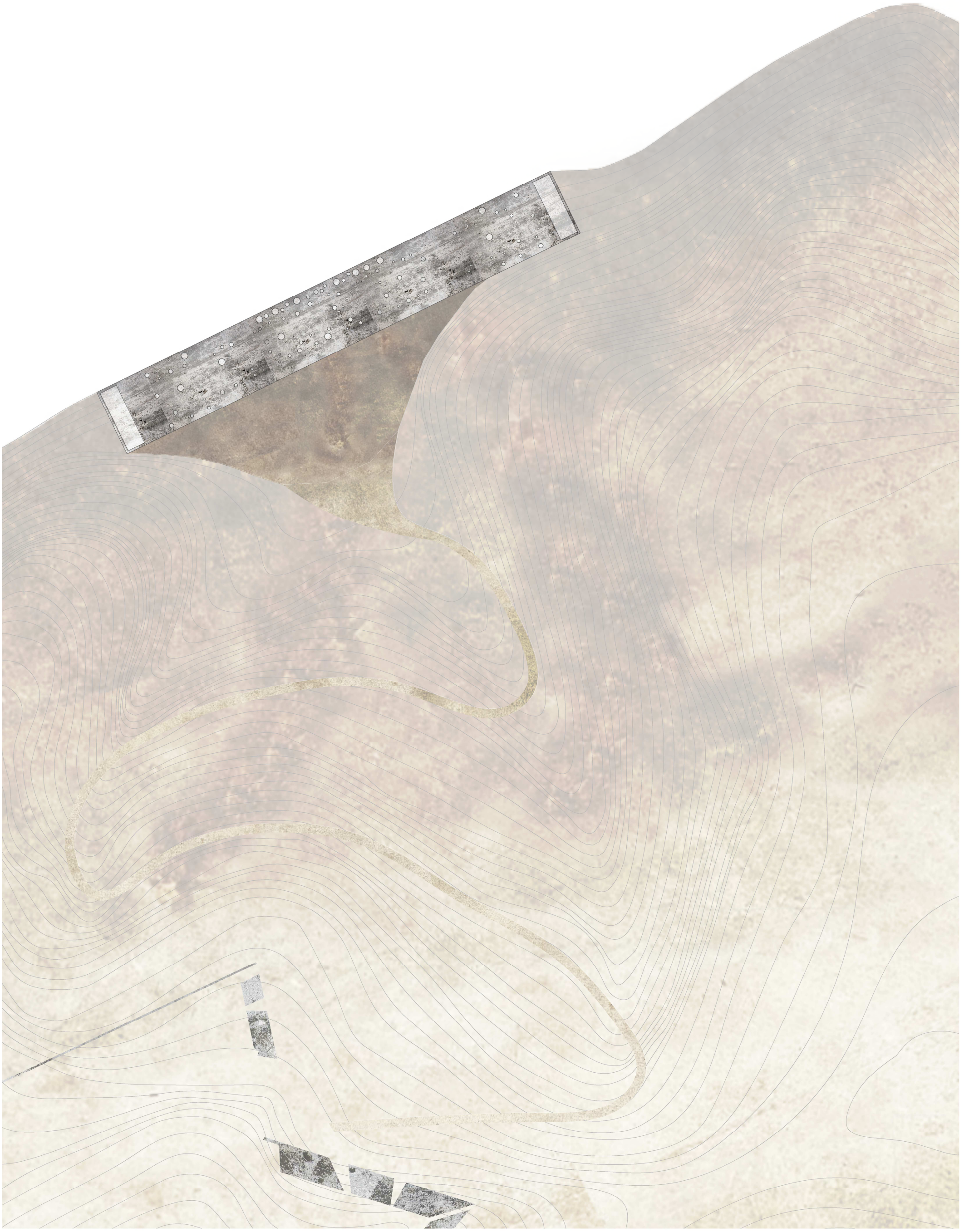


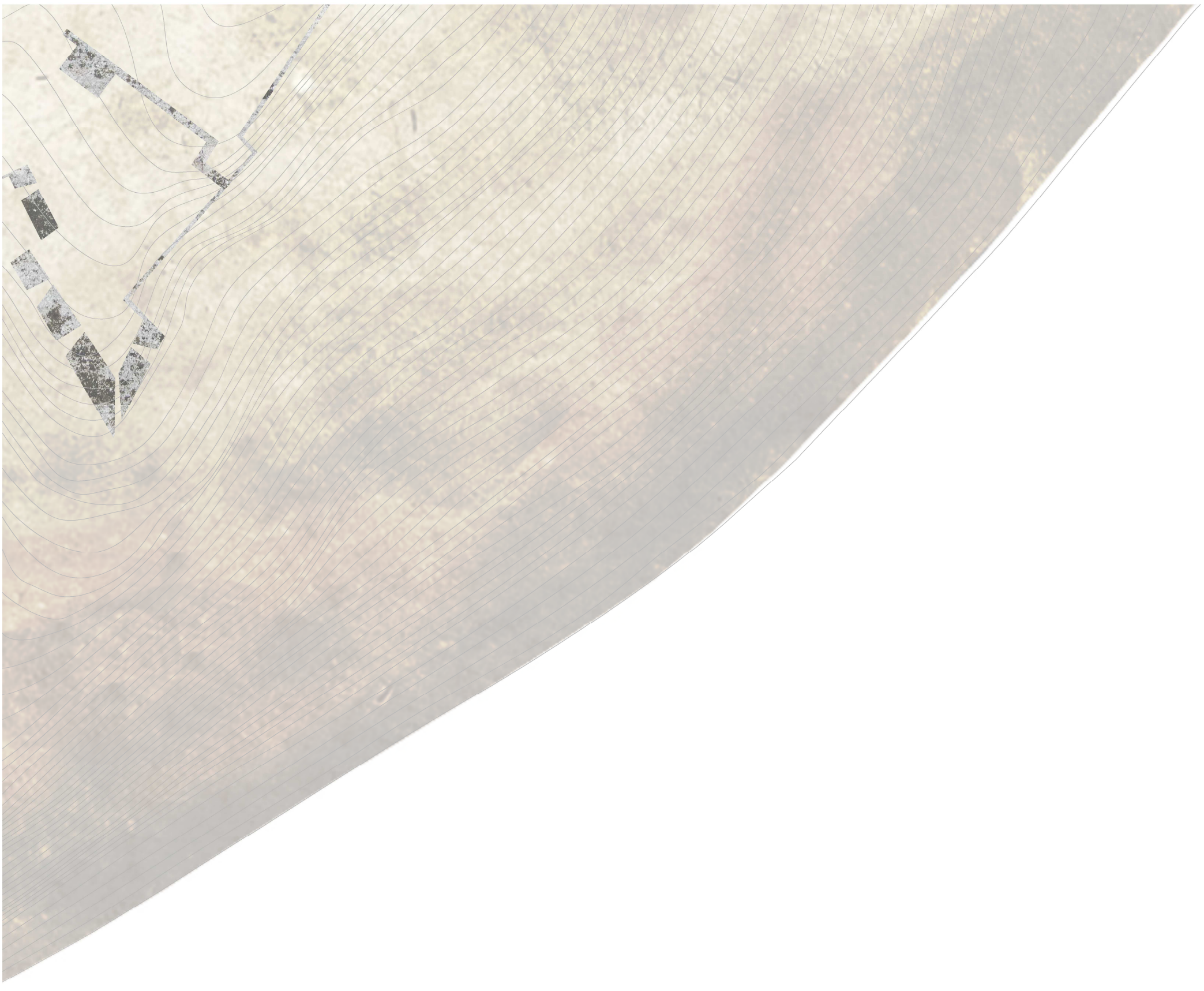
ORTOFOTOMAPA COM INTERVENÇÃO 061.062





PLANTA DE IMPLANTAÇÃO 1.2000





PLANTA DE IMPLANTAÇÃO 1.750

PERCURSO . ESPAÇO PÚBLICO



entre 0 min



12 min FRONTEIRAS



PROGRAMA
EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS
CINEMA
CONCERTOS
LUZ . SOMBRA

ÁREAS
ÁREA TOTAL ESPAÇO PÚBLICO . ATERRO . 1650 m2
ÁREA TOTAL ESPAÇO PÚBLICO . AR LIVRE . 1350 m2

MATERIAIS
ESPAÇO PÚBLICO . ATERRO . BETÃO
ESPAÇO PÚBLICO . AR LIVRE . TERRA COMPACTA


15.0
10.0
1.5
2.5



PLANTA DO PISO TÉRREO 1.200 069.070

PLANTA . PISO TÉRREO





ESQUEMA ESTRURURAL

ÁREAS ÁREA TOTAL . 1504 m2

ÁREA DE CIRCULAÇÃO . 1463 m2



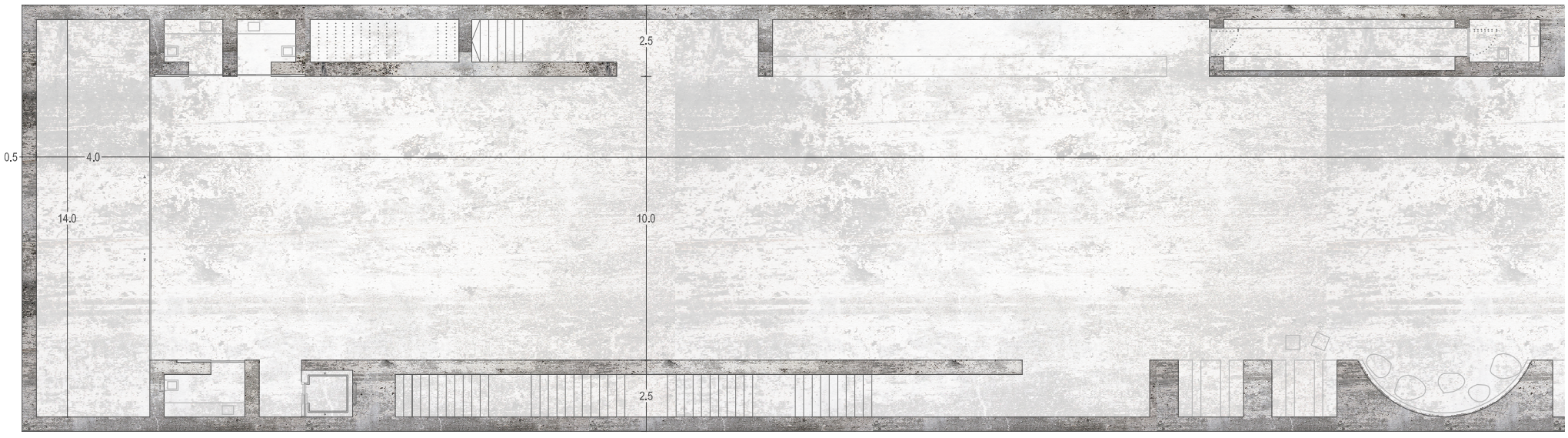
ESQUEMA DE CIRCULAÇÕES

ACESSOS VERTICAIS

CIRCULAÇÃO

PROGRAMA ENTRADA . FOYER

ÁREAS TÉCNICAS

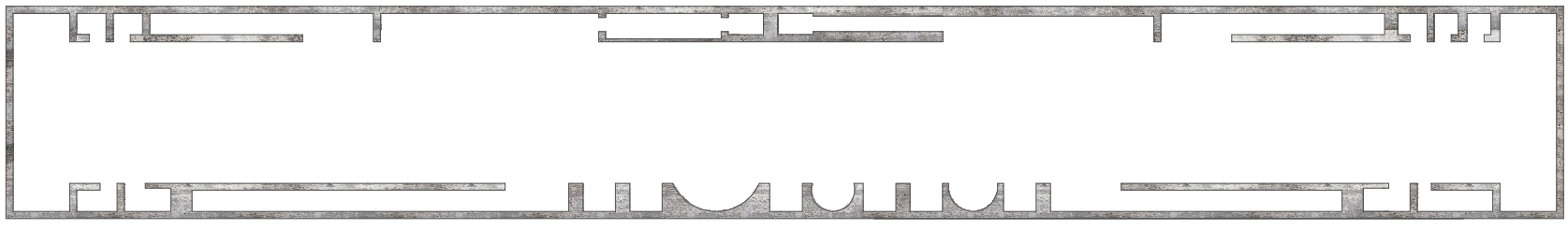

0.5
4.0
14.0
2.5
10.0
2.5



PLANTA PISO 1 1.200 073.074

PLANTA . PISO 1





ESQUEMA ESTRURURAL

ÁREAS

ÁREA TOTAL . 1130 m2

ÁREA DE CIRCULAÇÃO . 1182 m2

ÁREA POLIVALENTE . OPEN SPACE . 1010 m2

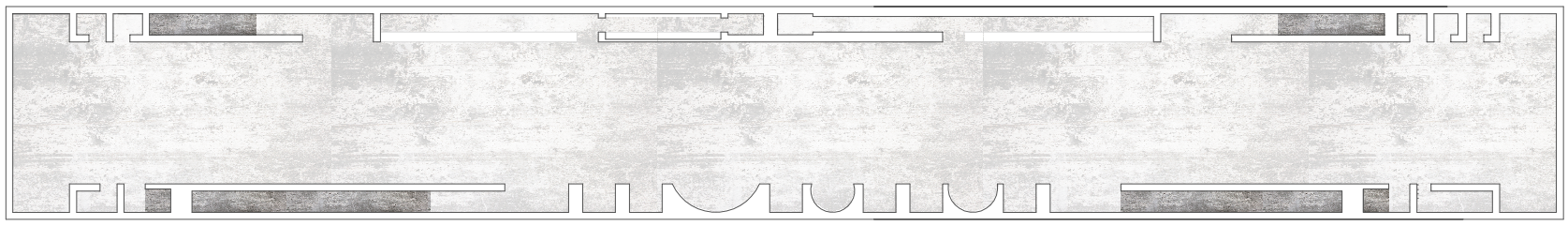
ÁREA EXTERIOR . 56 m2

ÁREA DE RECEPÇÃO . BENGALEIRO . 30 m2

ÁREA DA CAFETARIA . ZONA BAR . 28 m2

ÁREA DA CAFETARIA . ZONA DE LEITURA . 48 m2

ÁREA DA LOJA . 37 m2



ESQUEMA DE CIRCULAÇÕES

ACESSOS VERTICAIS

CIRCULAÇÃO

PROGRAMA

ESPAÇO POLIVALENTE . OPEN SPACE

EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS

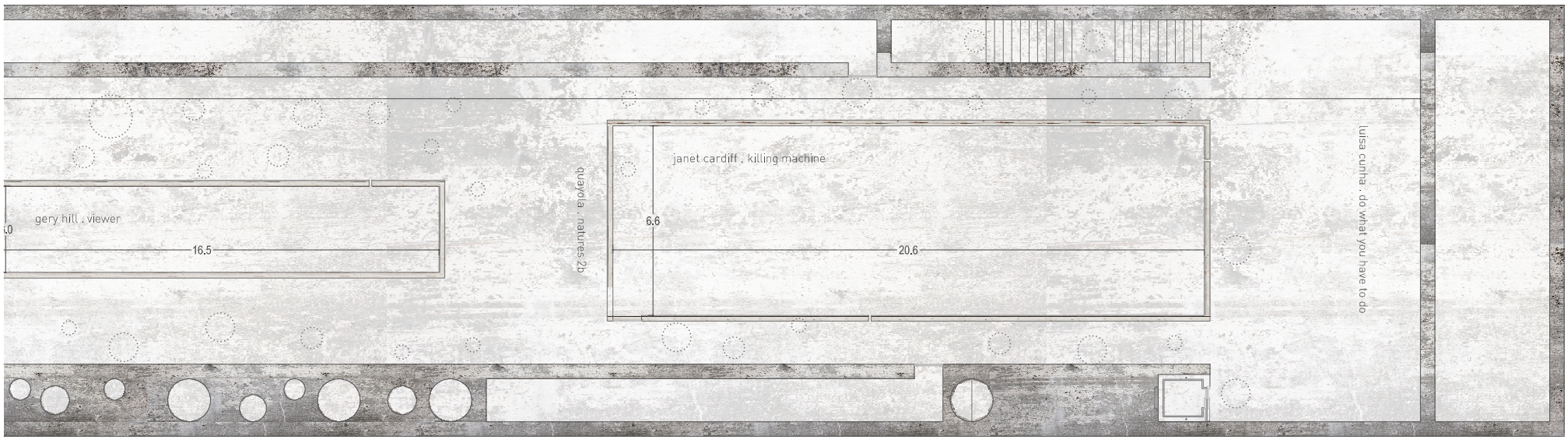
RECEPÇÃO . BENGALEIRO

CAFETARIA . BAR

CAFETARIA . ZONA DE LEITURA

LOJA

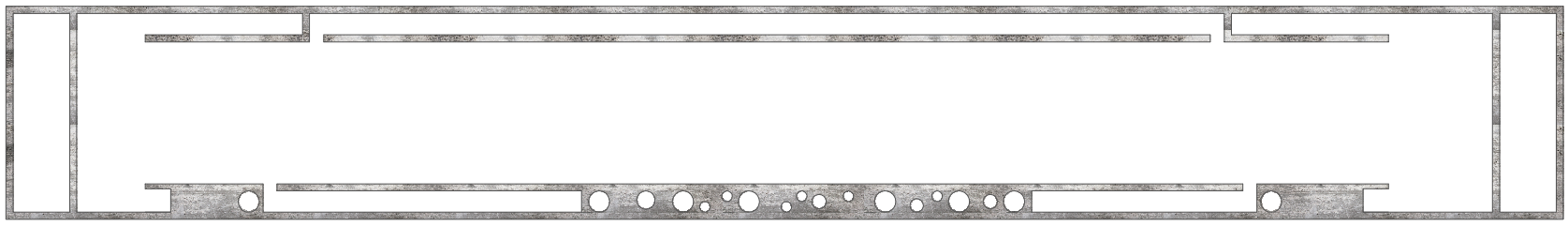

4.0
14.0
luisa cunha . inner view
janet cardiff . opera for a small room
6.6
15.6
quayola . natures 3b
douglas gordon - ‹‹ 10ms-1 ››
7.6
8.6
luisa cunha . hot



PLANTA PISO 2 1.200 077.078

PLANTA . PISO 2





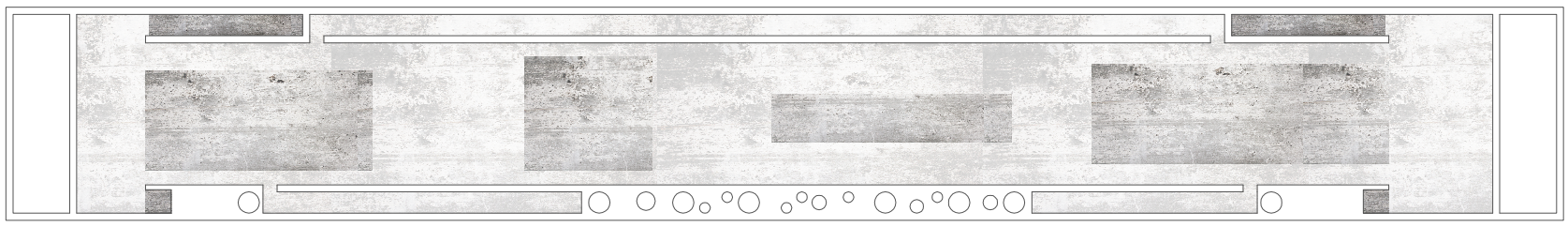
ESQUEMA ESTRURURAL

ÁREAS

ÁREA TOTAL . 1236 m2
ÁREA DE CIRCULAÇÃO . 879 m2
ÁREAS TÉCNICAS . 156 m2

ÁREA DE OCUPAÇÃO DA INSTALAÇÃO .
LUISA CUNHA . INNER . 49 m2
JANET CARDIFF . OPERA FOR A SMALL ROOM . 102 m2
QUAYOLA . NATURES 3B . 75 m2
DOUGLAS GORDON . « 10MS-1 » . 65 m2

LUISA CUNHA . HOT . 61 m2
GERY HILL . VIEWER . 50 m2
QUAYOLA . NATURES 2B . 49 m2
JANET CARDIFF . KILLING MACHINE . 140 m2
LUISA CUNHA . DO WHAT YOU HAVE TO DO . 51 m2



ESQUEMA DE CIRCULAÇÕES

ACESSOS VERTICAIS

CIRCULAÇÃO

PROGRAMA

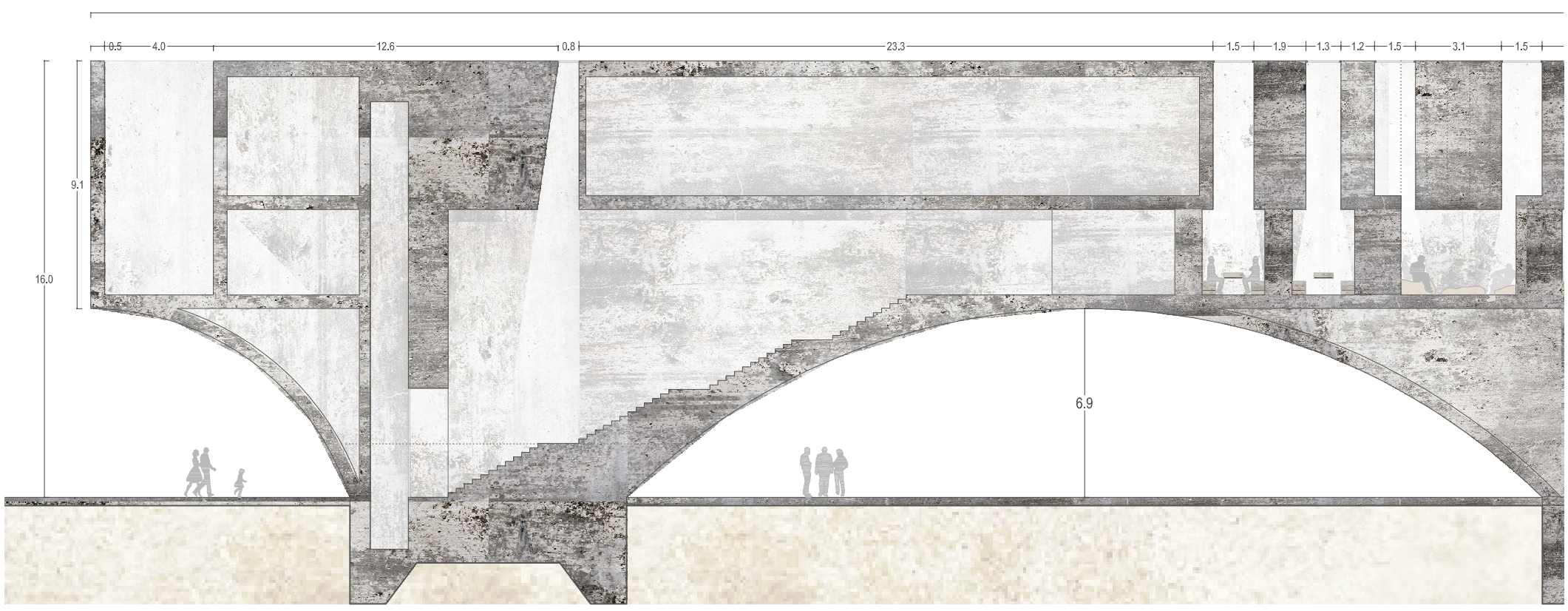
EXPOSIÇÃO PERMANETE

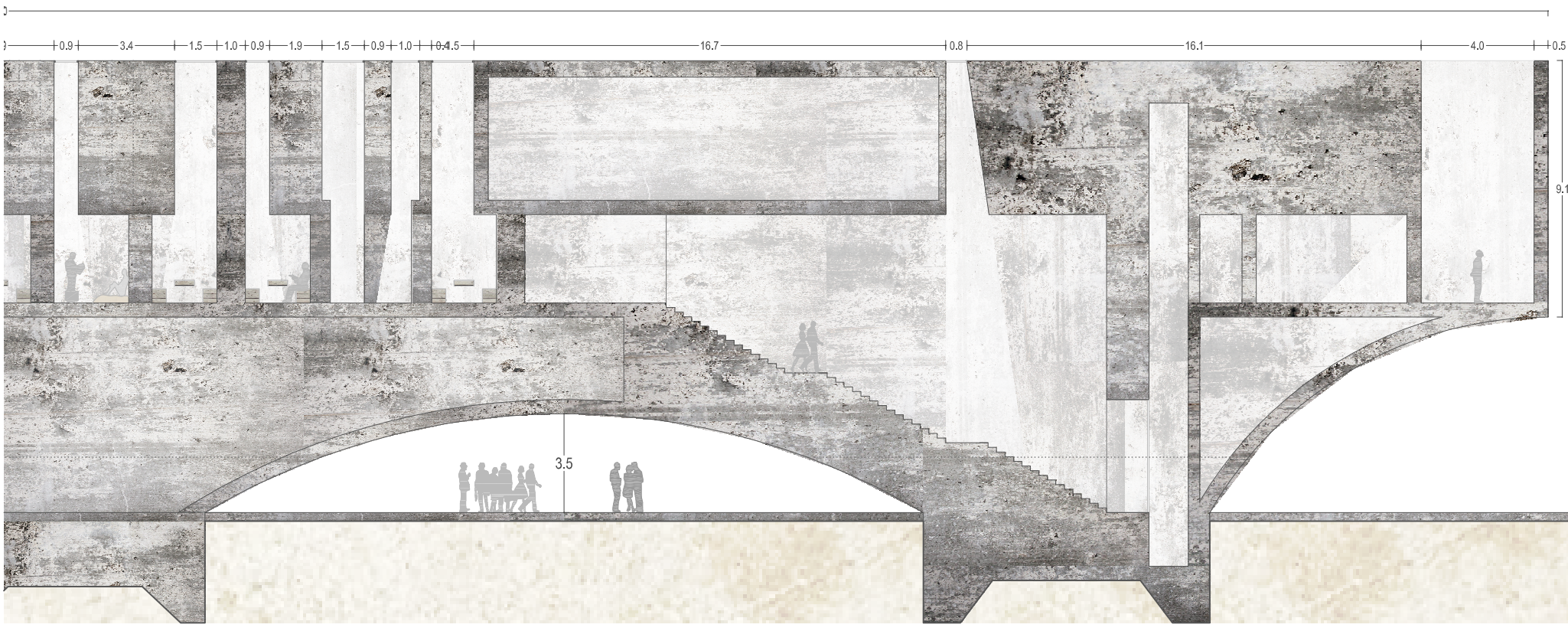
ÁREAS TÉCNICAS


15.0

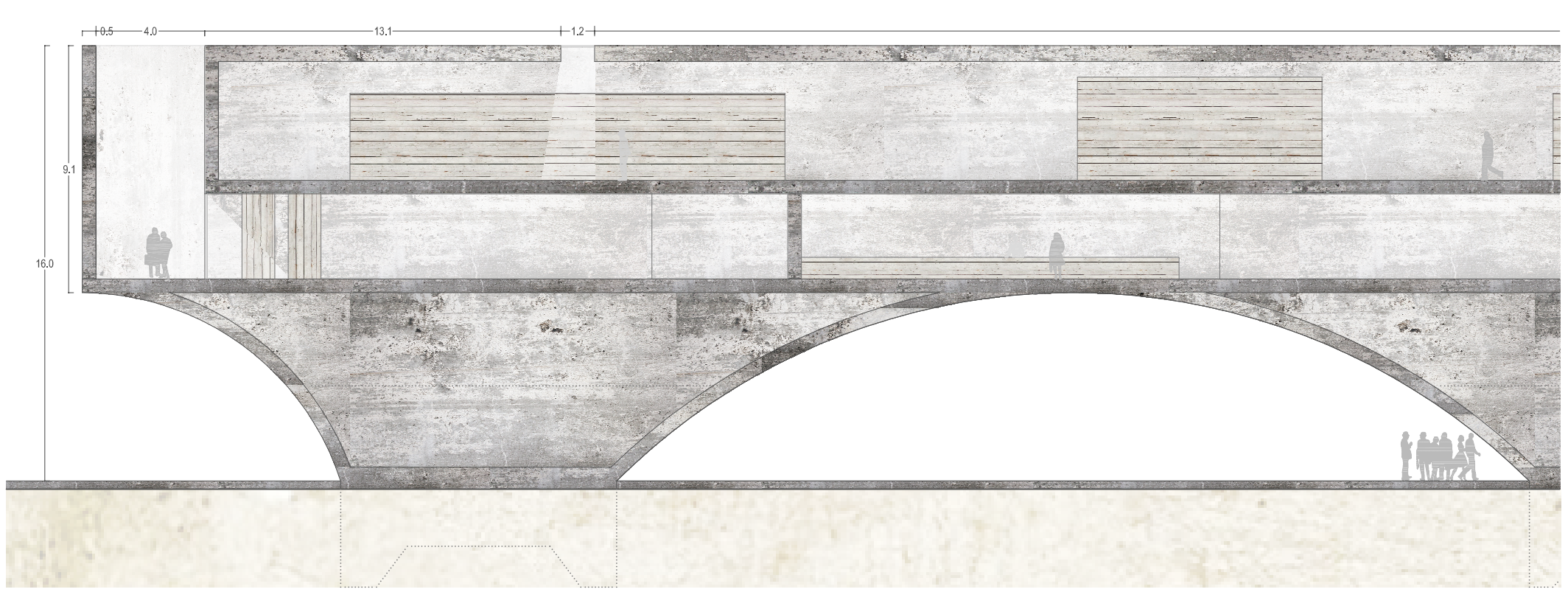


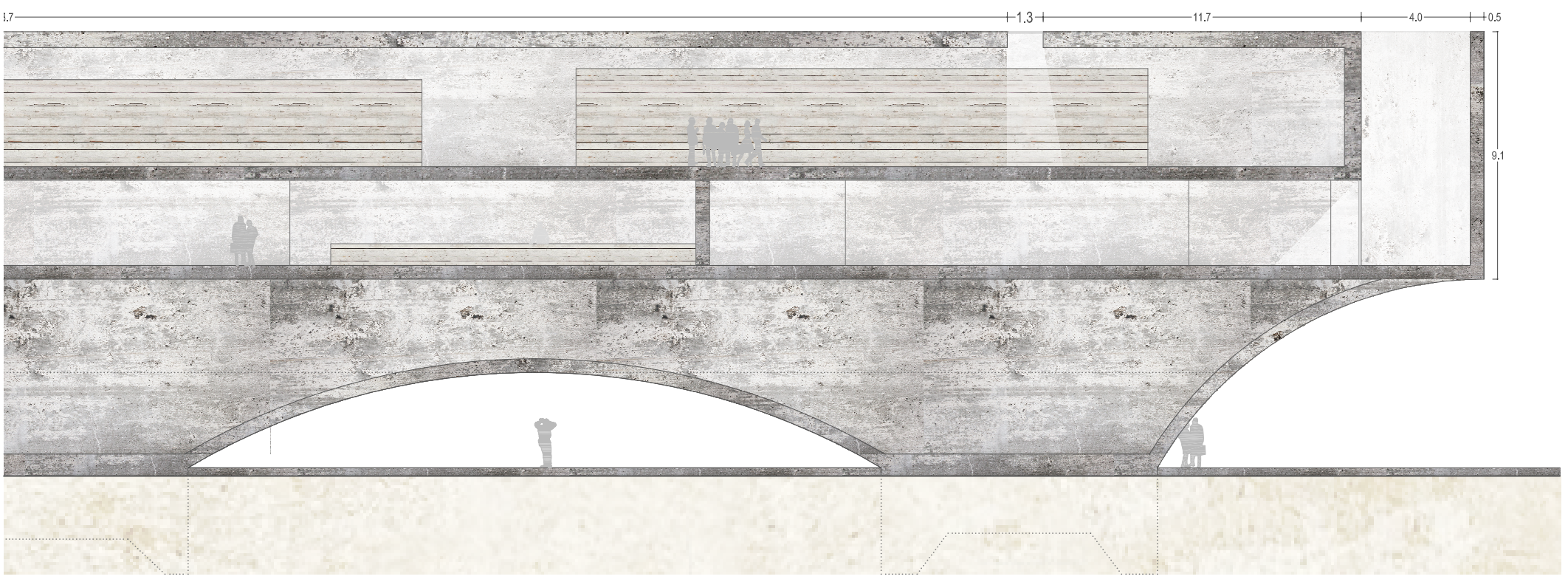
PLANTA DE COBERTURAS 1.200 081.082


0.5
4.0
12.6
0.8
23.3
1.5
1.9
1.3
1.2
1.5
3.1
1.5
16.0
9.1
6.9

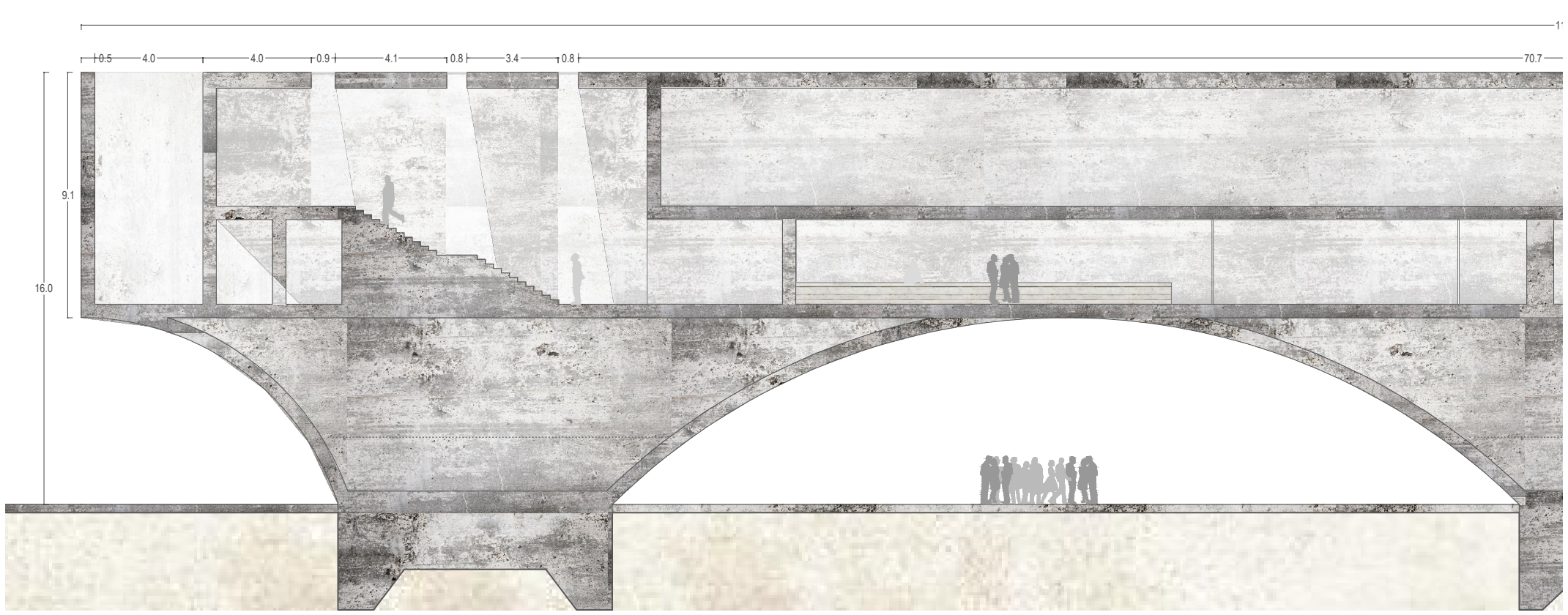


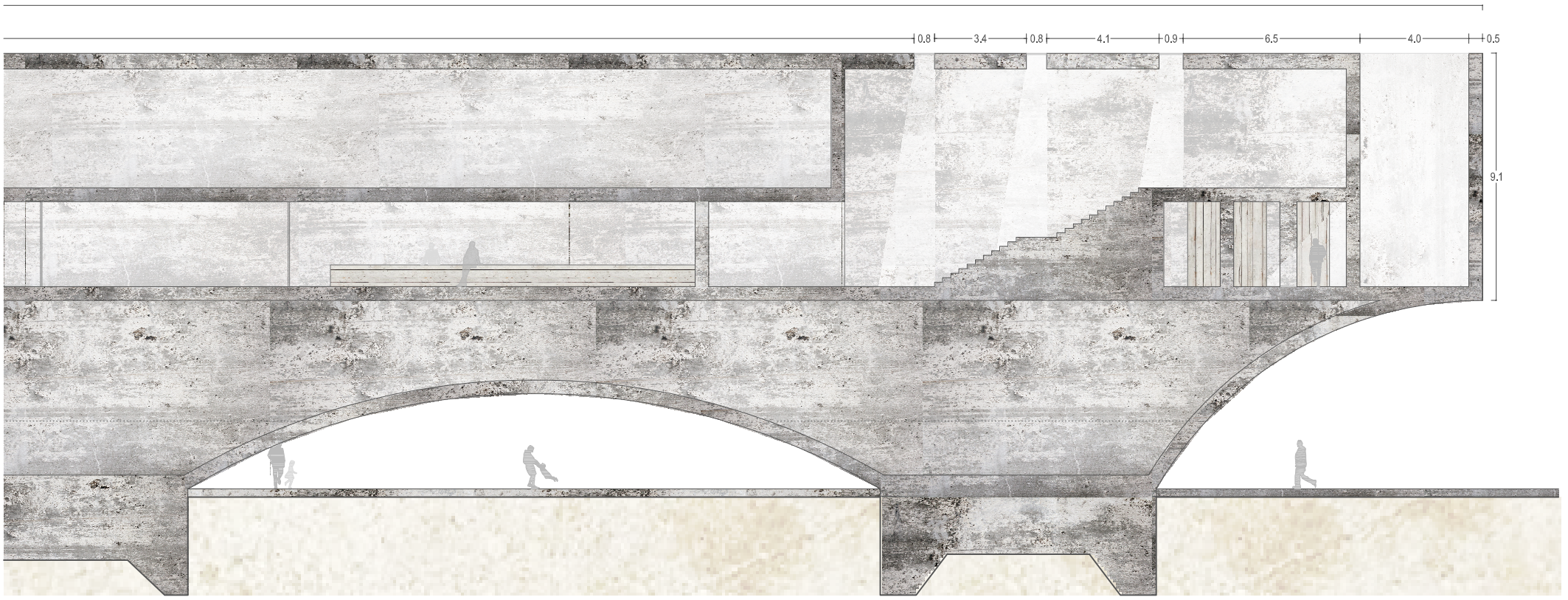
CORTE LONGITUDINAL 1.200 083.084


0.5
4.0
13.1
1.2
9.1
16.0



CORTE LONGITUDINAL 1.200 085.086


1'
0.5
4.0
4.0
0.9
4.1
0.8
3.4
0.8
70.7
9.1
16.0



CORTE LONGITUDINAL 1.200 087.088





CORTE TRANSVERSAL 1.200 089.090





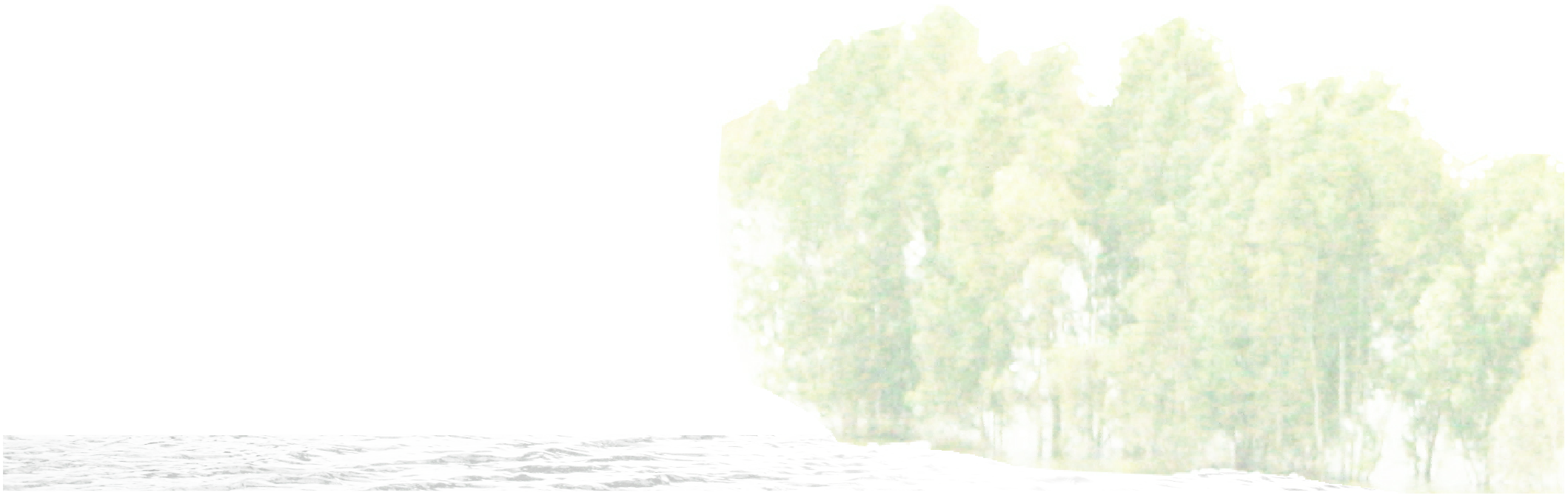
CORTE TRANSVERSAL 1.200 091.092





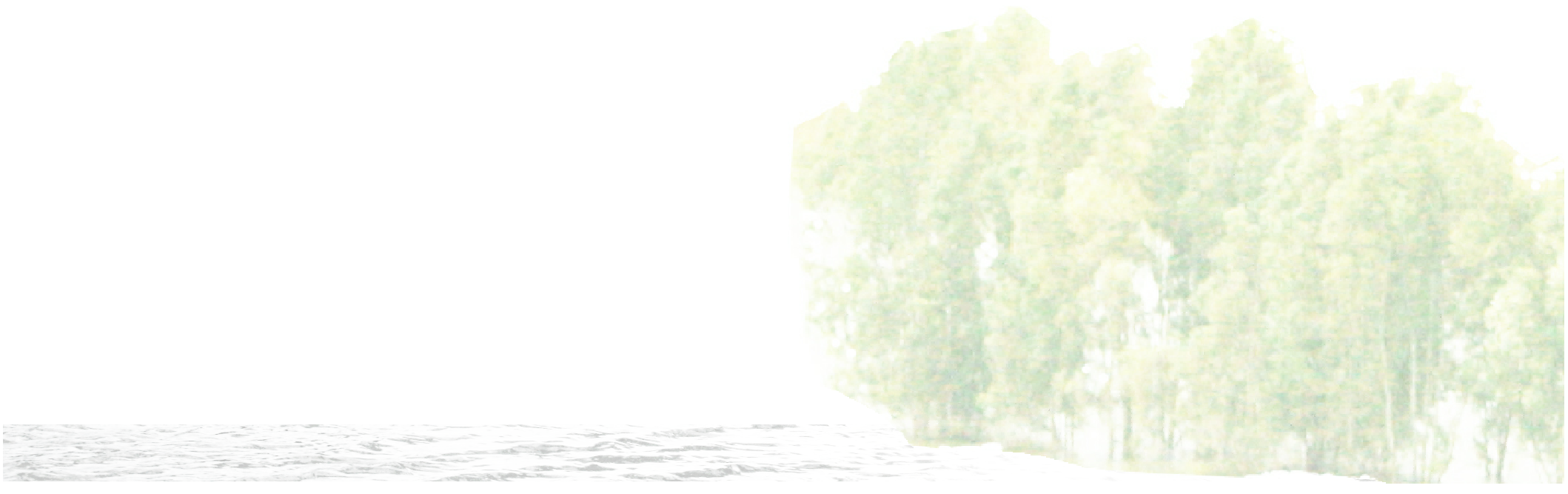
CORTE TRANSVERSAL 1.200 093.094





CORTE TRANSVERSAL 1.500



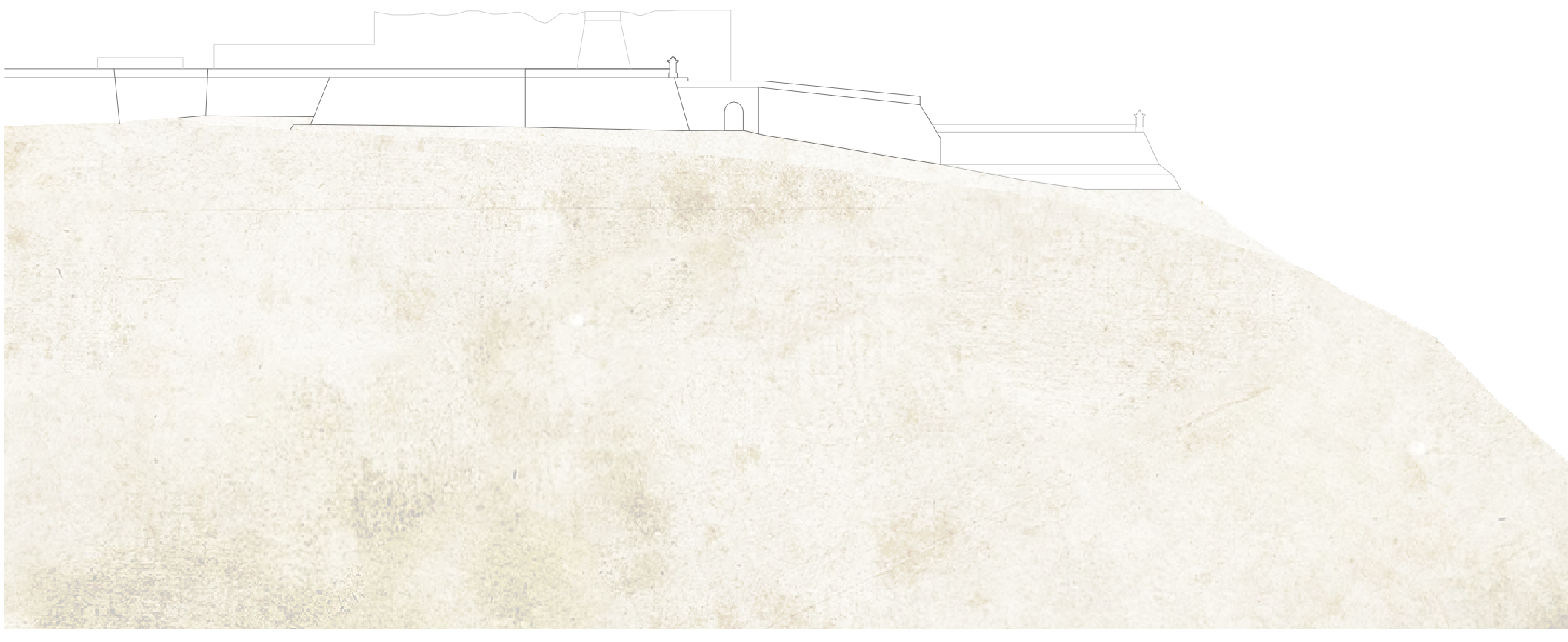


CORTE TRANSVERSAL 1.500


3.1
12.9
3.9
18.9
1.5
3.3
3.4



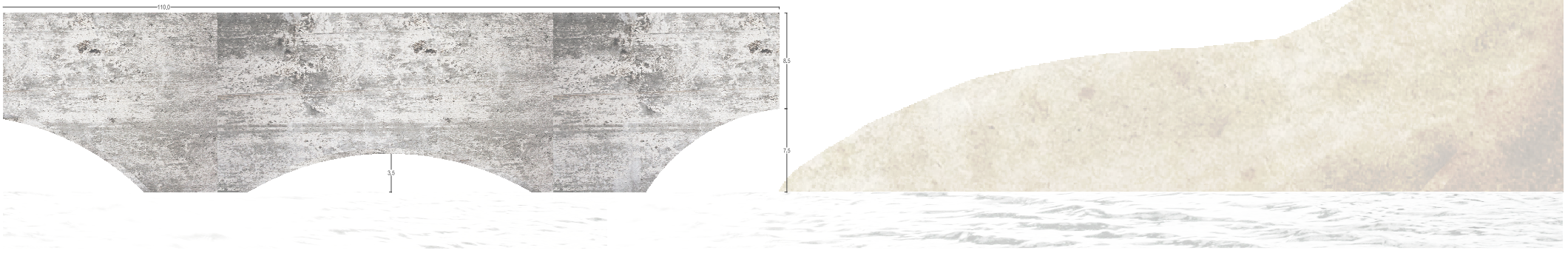
CORTE TRANSVERSAL 1.500 099.100





ALÇADO SUL 1.500 101.102


6.0
7.0
6.9



ALÇADO POENTE 1.500 103.104





ALÇADO NORTE 1.500 105.106


8.5
7.5
3.8



ALÇADO NASCENTE 1.500

SISTEMA CONSTRUTIVO

A proposta está localizada no limite de um vale, é através da sua situação estratégica, que o projecto pretende estabelecer uma relação com a envolvente e uma nova abordagem ao território, determinando uma ligação entre dois processos.
Em primeiro lugar com o espaço público, e em segundo o edifício.

O edifício encontra-se suspenso do chão, permitindo uma visualização e estabelecendo um contacto com a paisagem envolvente, facilitando uma continuidade no projecto. O edifício está apoiado sobre seis pilares, através dos quais estes formam um seguimento da proposta por todo o museu. Por isso, o projecto funciona como um grande openspace, no qual este, é todo muralhado por uma parede estrutural habitável, dentro do qual podemos encontrar todo o tipo de infra-estruturas, tornando assim, o edifício bastante funcional.

Pretendeu-se neste projecto, a utilização de poucos materiais, surgindo assim, como uma peça que marcasse o território. Para isso, apenas foram apenas utilizados, para a sua estrutura, um betão espesso, de 50cm, do tipo liapor, e madeira reciclada em acabamentos.

O edifício assenta sobre uma plataforma, aterro de betão, onde este surge-nos ligado a um grande espaço público de terra compacta.





LEGENDA

PISO TÉRREO

1 . ENTRADA

PISO 1

2 . RECEPÇÃO . BENGALEIRO

3 . ESPAÇO POLIVALENTE . OPEN SPACE

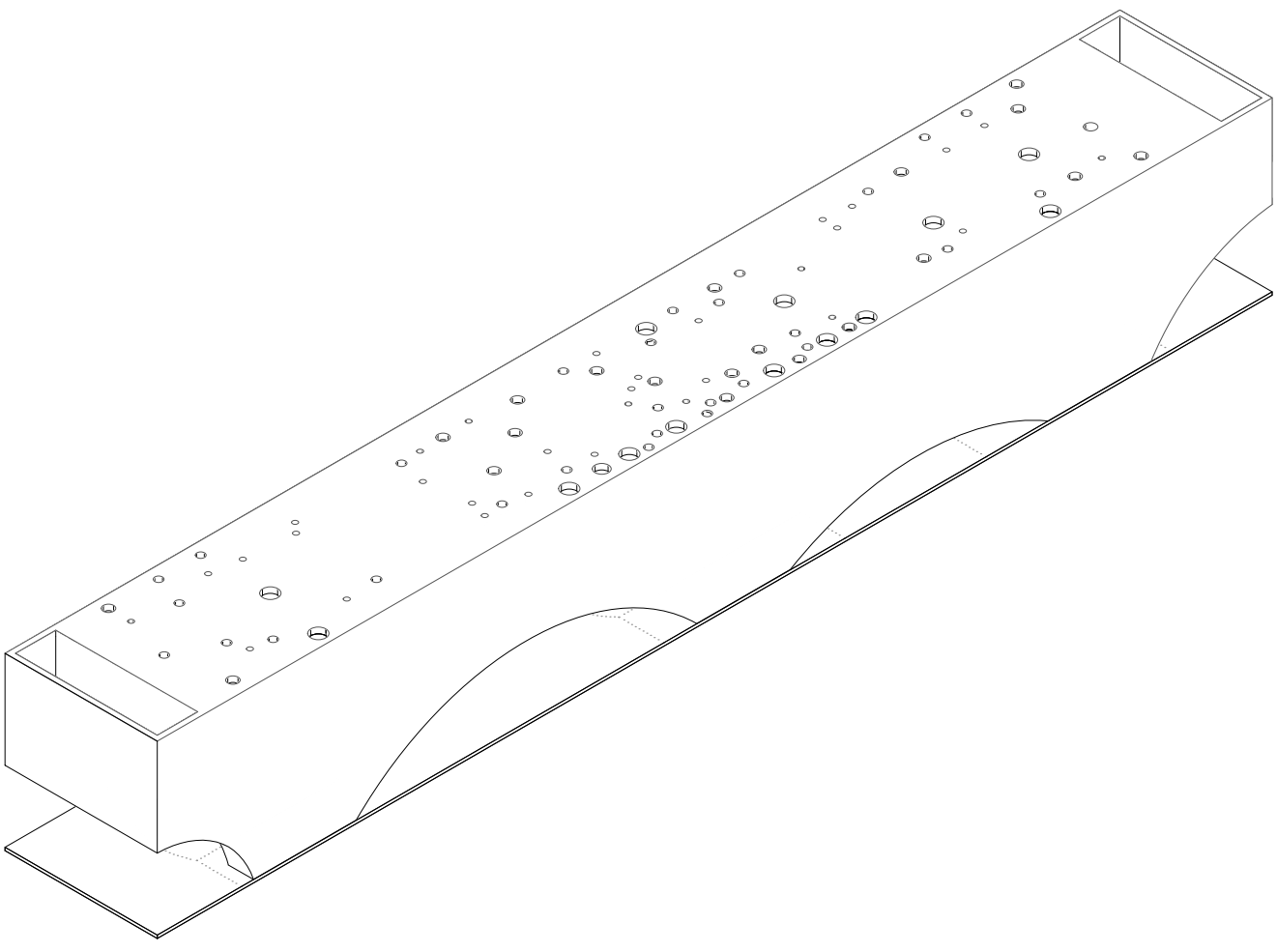
4 . CAFETARIA . BAR

5 . CAFETARIA . ZONA DE LEITURA

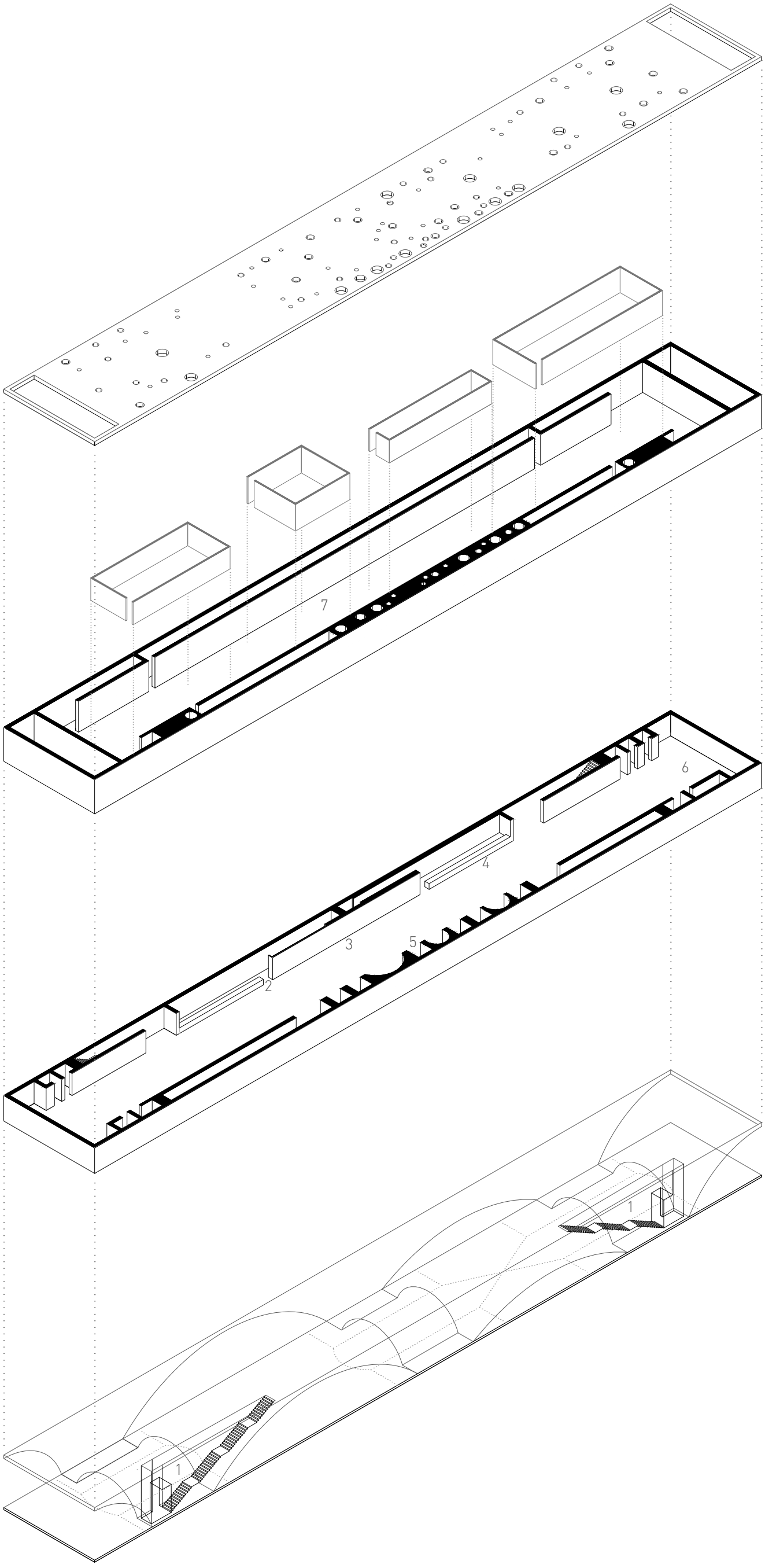
6 . LOJA

PISO 2

7 . EXPOSIÇÃO PERMANTE



COBERTURA



PISO 2

PISO 1

PISO TÉRREO

LEGENDA

1 . IMPREGNAÇÃO RADCON FORMULA 7

2 . BETÃO ISOLANTE TIPO LIAPOR . 500 mm

3 . BETÃO PUROSO . 150 mm

4 . TELA GEOTÊXTIL

5 . ISOLAMENTO TÉRMICO TIPO ROOFMATE . 80 mm

6 . MANTA DRENANTE

7 . COMPLEXO DE IMPERMEABILIZAÇÃO

8 . CAMADA DE FORMA . BETÃO LEVE

9 . LAJE DE BETÃO ISOLANTE TIPO LIAPOR . 300 mm

10 . ACABAMENTO EM RESINA EPOXY AUTONIVELANTE . 30 mm

11 . ENCHIMENTO EM BETÃO LEVE . 100 mm

12 . ISOLAMENTO ACÚSTICO ETHAFORM . 10 mm

13 . MICRO BETÃO . 60 mm

14 . LAJE DE BETÃO ISOLANTE TIPO LIAPOR . 300 mm

15 . BETÃO PUROSO . 80 mm

16 . CAMADA DRENANTE TIPO DELTA DRAIN . 20 mm

17 . COMPLEXO DE IMPERMEABILIZAÇÃO

18 . CAMADA DE FORMA . BETÃO LEVE

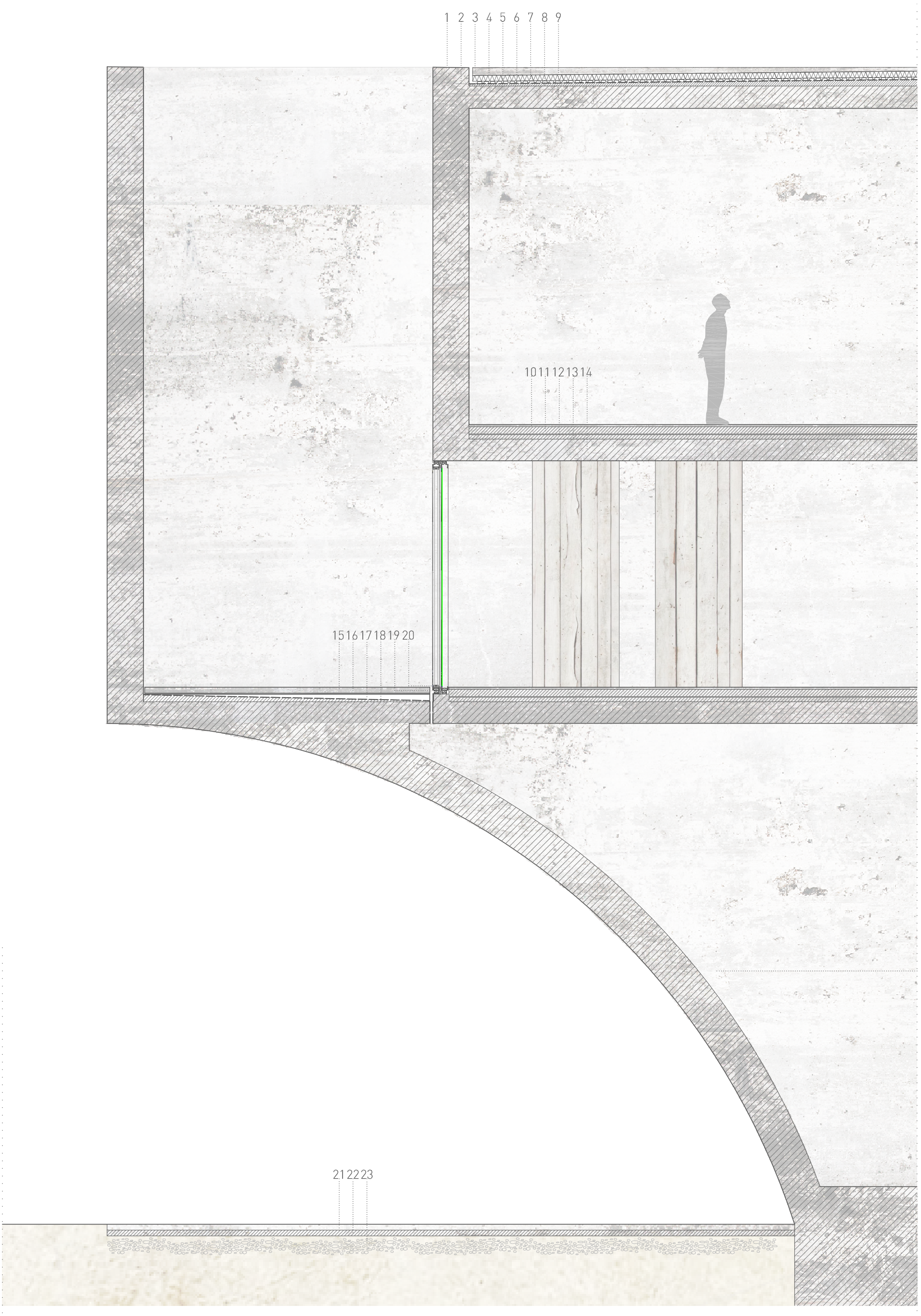
19 . PERFIL METÁLICO

20 . CAIXILHO METÁLICO TIPO VITROCSA 3100 DE CORRER

21 . BETONILHA AFAGADA . 80 mm

22 . BETÃO POBRE . 80 mm

23 . ENROCAMENTO . 250 mm



CORTE CONSTRUTIVO 1.50

LEGENDA

1 . IMPREGNAÇÃO RADCON FORMULA 7

2 . CALEIRA METÁLICA

3 . CHAPA DE ALUMÍNIO

4 . CANTONEIRA TIPO L . 50 mm

5 . SILICONE ESTRUTURAL

6 . ARGAMASSA NÃO RETRÁCTIL

7 . GRAMPO METÁLICO TIPO HALFEN

8 . BETÃO PUROSO . 150 mm

9 . TELA GEOTÊXTIL

10 . ISOLAMENTO TÉRMICO TIPO ROOFMATE . 80 mm

11 . MANTA DRENANTE

12 . COMPLEXO DE IMPERMEABILIZAÇÃO

13 . CAMADA DE FORMA . BETÃO LEVE

14 . LAJE DE BETÃO ISOLANTE TIPO LIAPOR . 300 mm

15 . CAIXILHARIA FIXA DE ALUMINIO ANONIFADO . 50 mm

16 . VIDRO LAMINADO . 8 mm

17 . VIDRO LAMINADO . 12 mm

18 . ILUMINAÇÃO . LED

19 . FIXAÇÃO METÁLICA

20 . TENSOR MATÁLICO

21 . BARROTE DE MADEIRA

22 . ISOLAMENTO TÉRMICO E ABSORÇÃO ACÚSTICA CELENITE . 75 mm

23 . LAJE DE BETÃO ISOLANTE TIPO LIAPOR . 300 mm

24 . MICRO BETÃO . 60 mm

25 . ISOLAMENTO ACÚSTICO ETHAFORM . 10 mm

26 . ENCHIMENTO DE BETÃO LEVE . 100 mm

27 . ACABAMENTO EM RESINA EPOXY AUTONIVELANTE . 30 mm

28 . BETONILHA AFAGADA . 80 mm

29 . BETÃO POBRE . 80 mm

30 . ENROCAMENTO . 250 mm

31 . MURO DE SUPORTE . BETÃO ISOLANTE TIPO LIAPOR . 500 mm



CORTE CONSTRUTIVO 1.50

LEGENDA

1 . BETÃO PUROSO . 150 mm

2 . TELA GEOTÊXTIL

3 . ISOLAMENTO TÉRMICO TIPO ROOFMATE . 80 mm

4 . MANTA DRENANTE

5 . COMPLEXO DE IMPERMEABILIZAÇÃO

6 . CAMADA DE FORMA . BETÃO LEVE

7 . LAJE DE BETÃO ISOLANTE TIPO LIAPOR . 300 mm

8 . CHAPA DE ALUMÍNIO

9 . CANTONEIRA TIPO L . 50 mm

10 . CAIXILHARIA FIXA DE ALUMINIO ANONIFADO . 50 mm

11 . SILICONE ESTRUTURAL

12 . GRAMPO METÁLICO TIPO HALFEN

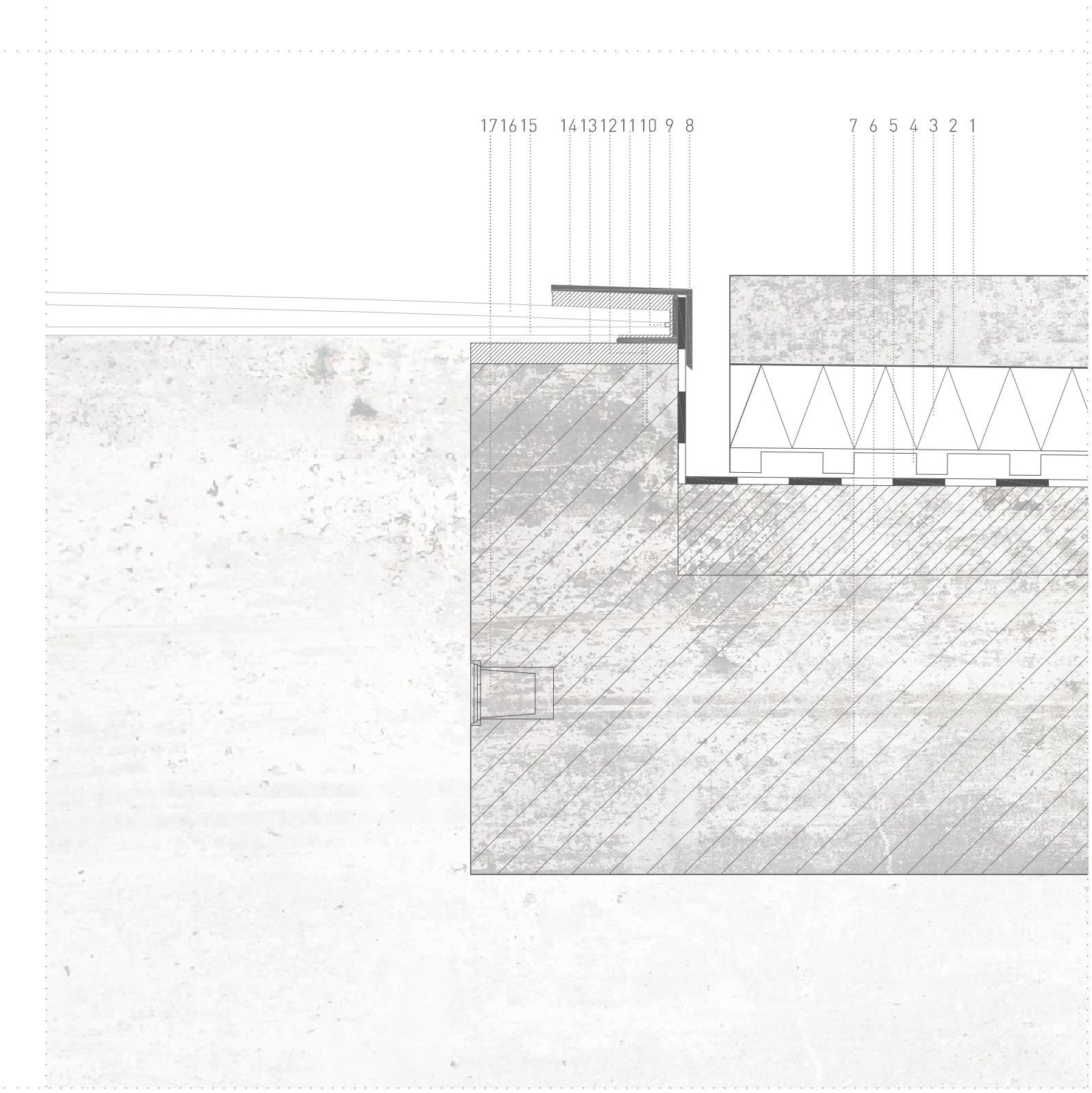
13 . ARGAMASSA NÃO RETRÁCTIL

14 . SILICONE ESTRUTURAL

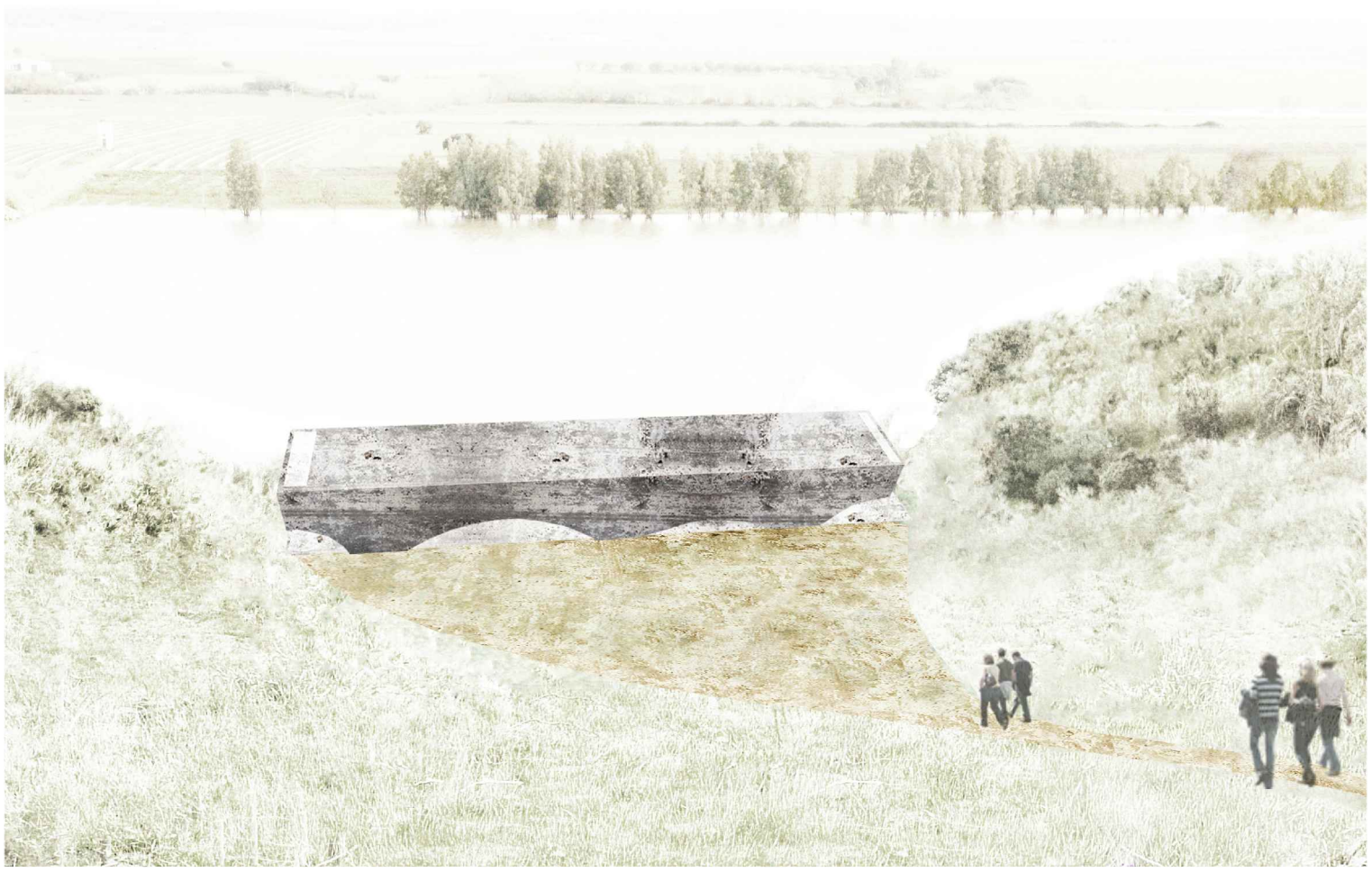
15 .VIDRO LAMINADO . 8 mm

16 . VIDRO LAMINADO . 12 mm

17 . ILUMINAÇÃO LED


17 16 15 14 13 12 11 10 9 8
7 6 5 4 3 2 1

FOTOMONTAGENS















BIBLIOGRAFIA

AI, Arquitectura Ibérica, Museus nº 31, Caleidoscópio - Edição e artes gráficas, SA, Abril 2009 . ISBN: 978-989-658-012-4

ALMEIDA, Nuno Guerreiro de , Espaço público e cidade , In: "Arquitectura e Vida", nº 51 Julho-Agosto 2004, p. 28-30

AV Monografias, Arquitectura Viva SL, Herzog e De Meuron , nº 114, Julho - Agosto 2005.

BAPTISTA, Luís Santiago, Habitar o Colectivo, A tensão entre modelo e evento na modernidade arquitectónica , in arq./, arquitectura e arte, nº 57, Maio 2008.

BARDI, Lina Bo e EYCK, Aldo Van, Museu de Arte de São Paulo, Lina Bo Bardi 1957-1968 , São Paulo : Instituto Lina Bo e P. M. Bardi ; Lisboa: Blau, cop. 1997. - [64] p. : il. ; 17 x 24 cm ISBN: 972-8311-13-3

BARRANHA, Silva Helena, Arquitectura de museus e iconografia urbana: concretizar um programa/construir uma imagem, Texto publicado em SEMEDO, Alice; LOPES, João Teixeira (coord.), Museus, Discursos e Representações , Edições Afrontamento, Porto, 2006.
Disponível http://pt.scribd.com/doc/14636105/Arquitectura-de-museus-e-iconografia-urbana-concretizar-um-programaconstruir-uma-imagem. Domingo, ⌈16⌉ de ⌈Outubro⌉ de ⌈2011.

BRANDÃO, Pedro e REMESER Antoni, Design de espaço público, deslocação e proximidade , Centro Português de Design.

CAEIRO, Mário , Habitar o espaço público : da prática crítica da arte urbana , In: "Arq. A", nº 57 Maio 2008, p. 22-27

CAPELA, José, Arquitectura sem Arquitectura , In "Jornal Arquitectos", nº 229 , Outubro-Dezembro 2007, Ordem dos Arquitectos.

CARVALHO, Eduardo Manuel de Morais Kol de, in Arquitectura, Arquitectura. Planeamento. Design. Construção. Equipamento, Ano I, (4ª série) nº136 , Fevereiro 1980.

GIL COSTA, Fuensanta, JIMENÉZ DEL MORAL, Ana, Reinventar los museos: el gran reto del siglo XXI , Actas del I Congreso Iberoamericano del Patrimonio Cultural, Madrid, 2001.

GRANDE, Nuno, Museumania, museus de hoje, modelos de ontem , Público e Fundação de Serralves, 2009 . ISBN: 978-989-619-177-1

GRANDE, Nuno, Os espaços museológicos na transformação da cidade contemporânea , Seminário "Património e Identidades" - Painel: "Território, Identidades e Políticas Culturais".
Disponível em: http://www.alcultur.org/imagens/anos_anteriores/2005_pdf/Nuno%20Grande.pdf. Quarta-feira, 4 de Janeiro de 2012
.
HERZOG & DE MEURON, trad. Garcia-Herrera, Adela, in Arquitectura Ibérica, Reabilitação - Rehabilitación, Caleidoscópio, Portugal, Fevereiro 2009.

LÓPEZ, Pavón Francisco, A luz a gravidade, o solo : Museu Salzillo e Praça San Agustín [projecto de] Yago Bonet Correa , In: "Arquitectura e Vida", nº 79, Fevereiro 2007, p. 42-51

LEFEBVRE, Henri, O direito à cidade , trad. Luis de Andrêa, in Jornal de Arquitectos, Publicação Trimestral da Ordem dos Arquitectos, Portugal, nº 228, Julho - Setembro 2007.

MEIER, Richard, As arquitecturas da crise : o museu de arte contemporânea de Barcelona , In: "Jornal Arquitectos", nº 159, Maio 1996, p.32-35

MILES, Malcom ,Para além do espaço público , trad. Helena Barbas. - Lisboa : Extra Muros : Centro Português de Design, DL 2001. - [58] p. ; 16 x 16 cm PT 168997/01

MONTANER, Josep María, Museos para el nuevo siglo , Barcelona : Editorial Gustavo Gili, 1995. Museus para o século XXI , trad. Eliana Aguiar , Barcelona : Editorial Gustavo Gili, 2003 . ISBN: 8425216311

NORBERG-SCHULZ, Christian, Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture , Nova Iorque: Rizzoli, 1984.

PACHECO, Pedro, CLÉMENT, Marie, Museu da Luz, Aldeia da Luz, Mourão, In: "2G", nº esp., Novembro 2005, p. 92-95

PIMENTEL, Pedro Tiago, REBELO, Camilo, Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa , In: "Jornal Arquitectos", nº 216, Julho 2004, p. 98-103

RABAÇA, Armando, Entre o Corpo e a Paisagem - Arquitectura e lugar antes do genius loci , Edições do Departamento de Arquitectura da FCTUC, Coimbra, 2011 . ISBN: 978-972-99821-6-3

RIBEIRO, Maria Joana Gil, O museu como lugar urbano , Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura , Faculdade Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa, Outubro 2009.
Disponível em: https://dspace.ist.utl.pt/bitstream/2295/578147/1/O%20museu%20como%20lugar%20urbano%20-%20final.pdf. Terça-feira, ⌈4⌉ de Outubro de ⌈2011.

RODRIGUES, Sérgio Fazenda, Casa dos Sentidos, crónicas de arquitectura , ARQCOOP - Cooperativa para inserção Profissional em Arquitectura, CRL, Outubro 2009 . ISBN: 978-989-95478-1-0

UFFELEN , Chris Van, Contemporary Cuseums, Architecture History Collections , Braun publishing AG, 2010 . ISBN: 978-3-03768-067-4

VALADA, Rui , Espaço público : uma aposta para o futuro , In: "Sociedade e Território", nº 37-38, Junho 2004, p. 157-166

VÁZQUEZ, Carlos García O fim da continuidade, o fim do espaço público, o fim do urbanismo , In: "Jornal Arquitectos", nº 236, Julho-Setembro 2009, p. 93-109

ZUMTHOR, Peter, Atmosferas Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona 2006 . ISBN: 978-84-252-2169-9

2G, Revista Internacional de Arquitectura, Paulo Mendes da Rocha, obra recente, Editorial Gustavo Gili, nº45, Barcelona 2008 . ISBN: 978-84-252-2246-7

SITES:

Disponível em http://www.metroo.com.br/projects/view/3/5. Segunda-feira, ⌈16⌉ de ⌈Maio⌉ de ⌈2011.⌉
Disponível em http://www.centrepompidou.fr/. Segunda-feira, 9 de Janeiro de 2012.
Disponível em http://obrasocial.lacaixa.es/nuestroscentros/caixaforummadrid/elcentro_es.html. Segunda-feira, 9 de Janeiro de 2012.
Disponível em http://maisarquitetura.com.br/cais-das-artes-por-paulo-mendes-da-rocha. Terça-feira, 3 de Janeiro de 2012.